

ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES

ARQUEOLOGIA  
E  
HISTÓRIA

8.<sup>a</sup> SÉRIE DAS PUBLICAÇÕES

VOLUME III



L I S B O A  M C M X L V I I

# Arqueologia e História

PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS

DA

ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES

1.ª Série

*Arquivo de Architectura Civil — Jornal dos Architectos Portuguezes e Archeologos*, 10 fascículos (1865)\*.

2.ª Série

*Boletim de Architectura e de Archeologia da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*, volumes I (1876)\*, II (1880)\*, III (1882)\*, IV (1886)\*, V (1888)\* e VI (1890)\*.

3.ª Série

*Boletim de Architectura e de Archeologia da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*, volumes VII (1893)\* e VIII (1900)\*.

4.ª Série

*Boletim de Architectura e de Archeologia da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*, volumes IX (1901), X (1904) e XI (1907).

5.ª Série

*Boletim de Architectura e de Archeologia da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*, volumes XII (1910) e XIII (1913)\*.

6.ª Série

*Arqueologia e História*, volumes I (1922)\*, II (1923)\*, III (1924), IV (1925), V (1926), VI (1928), VII (1929), VIII (1930), IX (1930) e X (1932).

7.ª Série

*Trabalhos da Associação dos Arqueólogos Portuguezes*, volumes I (1934)\*, II (1936), III (1937), IV (1938), V (1941), VI (1942) e VII (1943).

8.ª Série

*Arqueologia e História*, volumes I (1945), II (1946) e IV (1947).

Os volumes marcados com \* estão esgotados.

ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES

ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES  
BIBLIOTECA

N.º .....  
DATA .....

# ARQUEOLOGIA E HISTÓRIA

8.ª SÉRIE DAS PUBLICAÇÕES

VOLUME III



LISBOA  MCMXLVII

**BIBLIOTHECA**  
DA  
ASSOCIAÇÃO DOS ARCHEOLOGOS PORTUGUESES  
Edifício Histórico do Carmo

Publicação subsidiada pelo Ministério  
da Educação Nacional

## TÁBUA DAS MATÉRIAS

	Pág.
Estação Eneolítica de Castanhais (Sintra) — <i>Joaquim Fontes e Vitor Fontes</i> . . . . .	11
Castro de Vila Nova de S. Pedro — VI — Campanhas arqueológicas de 1943 a 1950 (N.º 7 a n.º 14) — <i>Afonso do Paço</i> . . . . .	29
O Museu da Associação dos Arqueólogos Portugueses — <i>João Couto</i> . . . . .	81
Colocação das Estampas . . . . .	117

# Estação Eneolítica de Castanhais (Sintra)

por

Joaquim Fontes e Vítor Fontes

## Estação Eneolítica de Castanhais

(Sintra)

A cerca de 1.000 metros da igreja de S. Martinho e no lado esquerdo do *talweg* que deste templo caminha em direcção à Ribeira, encontrou um de nós (V. F.), há anos, abundantes vestígios pré-históricos, à superfície do solo.

Chama-se o local Castanhais e fica à beira da estrada que da Vila Velha, depois de atravessar o vale em questão, vai passar à Ponte Redonda.

Nesse sítio há um pequeno planalto onde a erosão deixou a nu, no seu extremo nordeste, alguns rochedos. Nesse sentido, e portanto na direcção do valeiro, o terreno toma rapidamente pendor acentuado o que permitia defesa fácil do local, neste ponto.

Para Norte e Sul o declive é menor se bem que ainda apreciável. Só na direcção da Serra (Sudoeste) o acesso se torna fácil, se bem que ligeira diferença de nível marque o planalto de Castanhais. Ele é como que promontório que se destaca do maciço da serra, irrompendo pelo vale de S. Martinho.

Não lhe falta água que, pròximamente, corre em abundância.

Estes factos justificam a escolha feita pela tribo pré-histórica que ali deixou vestígios importantes de longa estadia.

O exame dos rochedos que formam ligeira escarpa sob o vale de

S. Martinho levou ao descobrimento de cavidades naturais que formam grutas, utilizadas pelo Homem para enterramento dos seus mortos. Nada podemos dizer sobre as suas dimensões, visto estarem bastante entulhadas.

Numa delas chamou-nos a atenção a cor escura e o aspecto humífero do terreno de enchimento, que quase fechava a entrada, o que levou um de nós (V. F.) a fazer pequenas sondagens, tendo sido encontrados fragmentos de ossos humanos.

Um pouco mais para Sul existe outra gruta para onde se entra por abertura localizada na parte superior. Nesta também foram descobertos dentes e ossos humanos (um temporal de adulto e fragmentos de costelas e vértebras).

Há ainda, e no mesmo ponto, outras cavidades que se encontram obstruídas não podendo afirmar se todas elas correspondem a grutas independentes ou se comunicam entre si por galerias atulhadas actualmente.

Os achados osteológicos e o espólio recolhido em breves pesquisas, feitas mais no intuito de averiguar se o local havia sido habitado com certa permanência, leva-nos a afirmar que esta estação merece ser explorada convenientemente, pois o espólio recolhido é curioso.

Não podemos afirmar com segurança ser esta estação desconhecida antes dos achados que um de nós (V. F.) ali fez. Parece-nos que o falecido arqueólogo Dr. Alves Pereira, nos disse tê-la visitado. Mas se assim foi, a verdade é que não conhecemos nota escrita que deixasse a este respeito e, por outro lado, a primeira visita não foi sugerida por qualquer indicação que aquele querido amigo nos tivesse dado.

\*

\*        \*

Gruta n.º 1 — Denominamos gruta n.º 1 àquela que primeiro encontramos depois de contornar o amontoado de rochedos a que se fez referência. Foi nela que as pesquisas feitas foram mais intensas e que deram

vários ossos humanos, avultando, entre eles, a calote craneana de uma Mulher.

A denominação de gruta n.º 1 é talvez arbitrária. Não queremos dizer com isto que não haja outras antes dela. A escarpa está cheia de intensa vegetação arbustiva e desmoronamentos de terras encobrem aqui e acolá a parede rochosa.

A sua entrada tem a altura máxima de 0<sup>m</sup>,80 e estava obstruída a meio por um monolito de forma sensivelmente hexagonal, sem vestígios de trabalho humano, mas que impossibilitava a passagem a qualquer pessoa ou mesmo animal mais corpulento. É pois admissível que a gruta tivesse sido encerrada totalmente após a última utilização funerária (1).

Esta hipótese parece também sofrer outra confirmação, porquanto temos a impressão que outras há obstruídas com pedras sobrepostas e intencionalmente colocadas. Tirado este monolito começou-se a remoção da terra de maneira que se pudesse entrar um pouco dentro da gruta. A pouca distância do lado direito encontrou-se um grande calhau rolado de forma elíptica cujo maior diâmetro era de 0<sup>m</sup>,50 encostado de encontro à parede.

Desenterrada essa pedra e por detrás dela e como que protegida por ela, fomos encontrar um crâneo de um indivíduo adulto que com dificuldade se conseguiu extrair da terra em que se encontrava envolvido. Junto do crâneo estavam alguns dentes e, no sentido em que se devia estender o corpo do cadáver ali inumado achámos costelas, vértebras, ossos das extremidades mas sem nenhuma relação anatómica.

Este facto demonstra que deve ter havido remeximento intencional ou provocado pelas águas de infiltração que facilmente podem correr das fendas do tecto desta gruta, coberto por pequena camada de terra.

---

(1) A remoção das outras pedras que obstruíram a entrada da gruta pode ter sido ocasional ou devida aos caçadores que diariamente, durante a época venatória, frequentam aquele local, onde abundam coelhos bravos.

Um pouco mais interiormente mas junto da parede oposta achámos restos de outro esqueleto que devem ter pertencido a criança de muito tenra idade. Desenterrámos também daqui pedaços de cerâmica pré-histórica e metade de um gral de pedra.

Gruta n.º 2 — Na parte mais elevada da escarpa acham-se aberturas várias que comunicam entre si por corredores muito irregulares onde também encontrámos ossos humanos (um temporal de adulto, fragmentos de costelas e vértebras, a par de dentes humanos). As pesquisas nesta caverna foram muito sumárias.

## DESCRIÇÃO DO MATERIAL OSTEOLÓGICO COLHIDO

### NA GRUTA N.º 1

Encontrámos os seguintes ossos e fragmentos de ossos de indivíduos da nossa espécie: uma vértebra cervical completa que parece ter pertencido a Homem de avançada idade, fragmentos de outras vértebras, duas primeiras costelas e uma costela média e numerosos pedaços de outras costelas. Alguns destes ossos poderiam ter pertencido ao indivíduo de que se achou o crânio.

Coligimos também um escafóide de mão esquerda, um 4.º metacárpico do mesmo lado e três falanges do pé.

Um pouco mais para o fundo desta pequena caverna e no lado oposto, como dissemos, estavam enterrados ossos de outro crânio (parietais), que pelo tamanho e espessura, pareciam ter pertencido a indivíduo de idade infantil. Além destes deparou-se-nos uma clavícula, duas diáfises de rádios e uma de tíbia, muito pequenas, certamente de crianças no primeiro ano de vida

Dos restos osteológicos que colhemos, destaca-se como peça de maior valor a calote craniana de que nos vamos ocupar mais largamente.

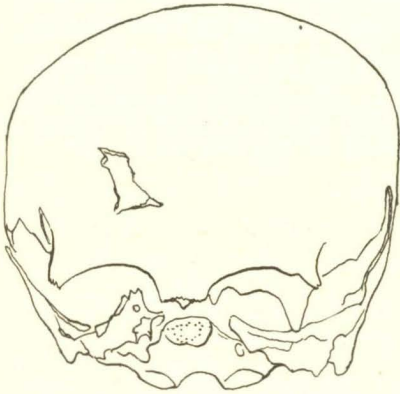


Fig. 1 — *Norma anterior*

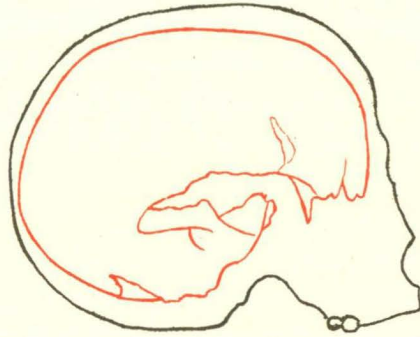


Fig. 2 — *Norma lateral*

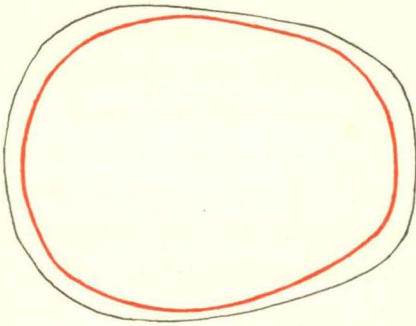


Fig. 3 — *Norma superior*

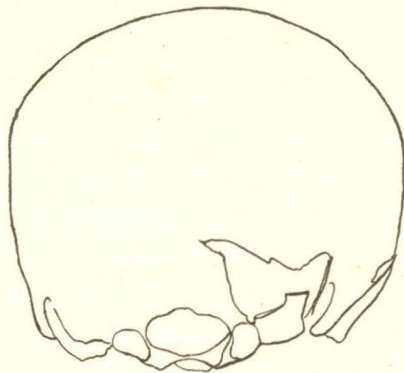


Fig. 4 — *Norma posterior*

Trata-se de uma calote bastante completa tendo apensos alguns ossos de base (temporais e occipital).

*Impressão geral* — Crânio pouco volumoso, de pequena altura, de contornos delicados, pertencendo a indivíduo novo, do sexo feminino. Todos os relevos (cristais, linhas apófises) são pouco avultados. A atestar a pouca idade está a não ossificação da porção basilar do occipital (*Fig. 3*) com o corpo do esfenóide. Não se vê, no entanto, vestígios de sutura metópica.

*Norma anterior* — Crânio baixo e chamencéfalo (índice 69,31), fronte baixa (*Fig. 1*).

*Norma lateral* — (*Fig. 2*). Crânio comprido, fortemente occipitalizado. Linha da fronte partindo do basion sem relevo glabellar; sobe, com acentuação, das bossas frontais (tipo feminino), elevando-se até ao bregma. Nota-se ligeiro destaque da escama occipital.

*Norma superior* — (*Fig. 3*). Crânio alongado, subdolicocefalo (ind. cefál., 76,13), de contorno ovóide, com ligeiro grau de plagiocéfalia.

*Norma inferior* — Por esta norma vê-se, como mais interessante, o buraco occipital ser quase circular, com um índice muito alto.

*Norma posterior* — (*Fig. 4*). Crânio largo e baixo, com as características chamencéfalas. Contorno pentagonal, notável saliência das bossas parietais.

*Dados antropométricos* — Poucas são as medidas que foi possível obter no fragmento de crânio que estamos estudando. São elas:

Diâmetro antero-posterior máximo (glab.-occipit.) .....	176	mm
» transversal máximo .....	134	»
» frontal mínimo .....	90	»
Altura basio-bregmática .....	122	»
Buraco occipital:		
Comprimento .....	33	»
Largura .....	29	»

Curva horizontal total .....	500	mm
» » pré-auricular .....	240	»
» » post-auricular .....	260	»
» sagital total (nasio-infaca) .....	310	»
» » sub-cerebral (nas. glacialar) .....	18	»
» » cerebral .....	292	»

Índices:

Cefálico .....	76,13	»
Transverso-vertical .....	69,31	»
Volume do crânio (mét. de Welcker) .....	1.188	c.c.

Poder-se-á caracterizar o crânio, pela descrição feita e dados antropológicos que acabamos de citar, de forma que seja possível compará-lo com outros das nossas primitivas populações?

Faltam-lhe regiões importantes para o podermos fazer com segurança. Não encontrámos os maxilares superiores e inferior; faltam-nos ainda as órbitas e a cavidade nasal que fornecem apreciáveis elementos para um estudo completo.

Com toda a reserva, dada a insuficiência do material colhido, limitámo-nos a aproximar o crânio encontrado do tipo étnico de Grimaldi a que Costa Ferreira diz pertencerem certos doliocéfalos de Muges, com características negróides. Assim o apagamento da glabella, linha da fronte elevada seguindo-se a parietal arredondada; são características comuns ao exemplar de Castanhais e aos daqueles concheiros; falta àquele apenas a hipsicefália visto que o índice vértico-transversal é bastante baixo (69,31).

Não nos parece possível aproximá-lo do *Homo taganus* de Mendes Correia, visto que lhe encontramos uma fraca capacidade craniana. Por outro lado a fronte não é oblíqua, recorrente, como neste último.

No entanto se o crânio se aproxima do tipo negróide, como parece, volta a levantar-se a questão do reaparecimento deste tipo antropológico no eneolítico, caso posto em dúvida por Mendes Correia, mas que A. Ataíde

parece confirmar com os seus achados osteológicos da gruta dos Refugiados (2).

O que é curioso destacar, e isso valoriza-se com o estudo do instrumental da estação, é a flagrante semelhança entre a calote que encontramos e os crâneos da gruta de Cascais estudados por Paula e Oliveira.

Apreciados lado a lado os contornos das diversas normas destes crânios com o dos Castanhais, parece que são decalcados uns pelos outros.

### DESCRIÇÃO DA INDÚSTRIA LÍTICA

a) *Objectos de sílex* — Só dois artefactos de sílex foram coligidos nesta estação. O primeiro é uma faca de reduzidas dimensões. O segundo, utilizado como foice, aparece frequentemente nas estações deste período, entre nós, é semelhante aos exemplares coligidos nas grutas de Poço Velho (3), Vila Nova de S. Pedro (4), etc. Trabalhado em ambas as faces, que se apresentam quase polidas, tem retoque muito delicado nos bordos. O exemplar está infelizmente partido para que se possa determinar com segurança as suas dimensões.

b) *Gral* — Foi este objecto encontrado na gruta n.º 1, junto do indivíduo a que pertenceu a calote craniana aqui estudada. O exemplar, feito num pedaço de calcário, apresenta-se partido a meio, desde data muito antiga. Interiormente foi bem trabalhado, está quase polido, a parte externa foi menos cuidada.

---

(2) E. Jalhay e Afonso do Paço — *A Póvoa Eneolítica de Vila Nova de S. Pedro. Notas sobre a 1.ª e 2.ª campanhas: 1937 e 1938.* Sep. da revista «Brotéria», Vol. XVIII, fasc. 6 e vol. XXIX, fasc. 1, 4, e 5, pág. 40, Lisboa, 1939.

(3) Afonso do Paço — *As Grutas do Paço Velho ou de Cascais.* «Comunicação dos Serviços Geológicos de Portugal». Vol. XXII, est. XVI, fig. a, Lisboa, 1942.

(4) Afonso do Paço e Eugénio Jalhay — *A póvoa eneolítica de Vila Nova de S. Pedro. Notas sobre a 1.ª e 2.ª campanhas, 1937 e 1938.* Sep. da «Brotéria», vol. XXVIII, fasc. 6 e vol. XXIX, fasc. 1, 4, e 5; Fig. 16, n.º 3, Lisboa, 1939.

Não são raros os objectos desta natureza entre nós. Bem perto desta estação, na necrópole de S. Martinho, também em Sintra, Maximiano Apolinário encontrou um muito perfeito e mesmo ornamento (5).

Ainda na península de Cascais, as grutas de Poço Velho forneceram outro (6). Têm sido encontrados objectos idênticos em Vila Nova de S. Pedro (7), Alacalar, etc.

c) *Amoladeira* — Trata-se de um grande calhau de forma irregular cuja superfície superior se apresenta desgastada e lisa não por igual, mas só em dois pontos, onde o uso cavou a pedra.

d) *Percutores* — São frequentes os de sílex. Foram utilizados *rogons* deste material, mais ou menos arredondados, e afeiçoados de maneira que a sua preensão se tornasse fácil. Apresentam, em um ou mais pontos, o estilhaçado característico do seu uso.

Um exemplar, que mostra ter servido durante muito tempo tem um orifício natural na sua parte superior. Talvez esse orifício tenha justificado o aproveitamento do calhau. Ainda hoje quando o trabalhador de campo encontra pedra que apresenta este acidente natural põe-na de lado cuidadosamente, até lhe dar aplicação (prisão para animais, enfeite para espigão de muro, peso de tear, etc.). Nos arredores de Sintra, por exemplo, onde o calcário abunda, achados desta natureza são frequentes. Pois apesar disto, sempre o camponês da região assim procede.

Foram usados, também como percutores, vários calhaus rolados de quartzite de forma mais ou menos ovóide. Num deles levantou-se uma lasca a meio, para maior segurança na preensão.

Incluimos neste grupo um certo número de objectos cuja forma

---

(5) Maximiano Apolinário — *Necrópole Neolítica do Vale de S. Martinho*. «O Arqueólogo Português», vol. II, pág. 7 e 8, fig. 7, Lisboa, 1896.

(6) Afonso do Paço — *As grutas do Poço Velho*, etc.

(7) Afonso do Paço e Eugénio Jalhay — *A Póvoa Eneolítica de Vila Nova de S. Pedro*, 1.ª e 2.ª campanhas, etc., pág. 10.

lembra a do machado de pedra, mas que devem ter sido utilizados como percutores. O exame do bordo, que devia corresponder ao gume daquele utensílio, faz-nos admitir esta hipótese, visto que ela é muito larga.

Não é fácil pensar que o uso a desgastasse tanto que a tornasse tão romba. Por outro lado encontramos outros instrumentos, espessos e de secção quadrangular, que apresentam todas as suas faces polidas, como naqueles utensílios, mas em que as extremidades nunca poderiam convergir num gume. E em ambos os tipos se notam vestígios nítidos de terem tido este aproveitamento.

Com o mesmo intuito foram feitos instrumentos quadrangulares, mas mais achatados, que foram polidos em todas as faces. Os bordos superior e inferior apresentam vestígios que lhes deixou o seu emprego.

Carlos Ribeiro, e nós próprios, temos encontrado peças iguais na estação de Liceia (\*).

Incluindo sob a rubrica de percutores todos estes instrumentos de tipo tão variado, não supomos que todos fossem indiferentemente aplicados ao mesmo fim industrial. Não se percebe que o Homem tenha utilizado um *rognon* de sílex, que simplesmente afeiçoou para melhor preensão, e trabalhasse cuidadosamente outros instrumentos, polindo-os mesmo, para deles se servir com o mesmo intuito.

É evidente que haveria aplicações especiais a cada um deles, mas a parte utilizada das peças descritas nesta rubrica apresenta aquele estilhaçamento que dá a percussão do encontro a materiais rijos.

*Machados* — São muito frequentes os machados nesta estação. Há alguns de diminutas dimensões (7 centímetros) e outros maiores, de

---

(\*) Carlos Ribeiro — *Notícia de Algumas Estações e Monumentos Pré-históricos*, Est. IV, fig. 2, Lisboa, 1878.

secção circular e quadrangular, polidos em todas as faces. O gume é em regra circular.

*Enchós* — Encontram-se na estação de Castanhais várias enchós; correspondem todas elas à descrição que Déchelette<sup>(9)</sup> fez destes instrumentos, isto é, peças achatadas em que uma das faces é ligeiramente convexa e a outra côncava. O bordo é cortado do lado da face côncava em bisel.

Encontraram-se instrumentos deste tipo em várias estações portuguesas como, por exemplo, nas grutas de Poço Velho<sup>(10)</sup>.

São bem conhecidos os objectos recolhidos na anta da Estria<sup>(11)</sup>, na gruta de Poço Velho<sup>(12)</sup> e Carenque<sup>(13)</sup>, os quais representam enchós encabadas. Também, perto da estação de Castanhais, na necrópole de S. Martinho<sup>(14)</sup> se descobriu outra peça semelhante.

Adiante faremos referência mais pormenorizada a este assunto.

*Cilindro de calcário?* — Trata-se de um fragmento de uma pedra que talvez tenha sido um cilindro. A sua parte exterior foi trabalhada e cuidadosamente arredondada.

O estado de mutilação em que foi encontrado este objecto (simples lasca) não nos permite garantir o facto.

Se se trata de um cilindro devia ter tido grandes dimensões, a julgar pela secção que se pode imaginar.

*Bola de calcário* — Também nesta estação, como em outras do mesmo período, se encontrou uma bola de calcário (0<sup>m</sup>,05 de diâmetro).

---

(9) *Manuel d'Archéologie*, etc., vol. I, pág. 515, Paris, 1928.

(10) Afonso do Paço — *As Grutas do Poço Velho*, etc. pág. 20.

(11) C. Ribeiro — *Noticia de Algumas Estações e Monumentos Pré-históricos*, pág. 66, est. VII, fig. 1, Lisboa, 1880.

(12) Afonso do Paço — *As Grutas*, etc., XXXV.

(13) *Ibidem, ibidem*, est. XXXV.

(14) Maximiano Apolinário, *loc. cit.*, fig. 9.

## CERÂMICA

Abundam os restos de cerâmica nesta estação. Recolhemos muitas centenas de fragmentos de vasos, alguns bordos, asas, etc. Não foi coligido, porém, nenhum vaso inteiro.

Olhando em conjunto a cerâmica aqui encontrada, podemos dividí-la em três categorias, segundo a contextura da pasta de que foram feitos os vasos de que se serviram os habitantes de Castanhais.

Aquela tem as seguintes características:

a) barro muito escuro, tendo encorporado carvão, como tantas vezes se nota na cerâmica pré-histórica, e mostrando que a crivagem foi defeituosa, pois encontram-se pequeninas pedras na espessura da pasta. Foi com ela que se fizeram vasos de reduzidas dimensões, muitos dos quais se supõem ter servido como recipientes para corantes.

Na estação de Castanhais, encontrámos um fragmento, que parece ter pertencido a um vaso de fundo esférico, e em cuja superfície interna se notam vestígios fortemente acentuados de tinta avermelhada, que dentro dele se deitou.

b) barro vermelho de pasta muito grosseira e mal crivada, utilizado na factura de vasilhas de grandes dimensões, a valer pela espessura de alguns fragmentos (0<sup>m</sup>,03).

c) barro escuro, de pasta mais homogénea, cheia de palhetas de mica, que lhe dá grande beleza, lembrando a cerâmica dos castros nortenhos, como, por exemplo, vimos na estação de Caldelas<sup>(15)</sup>.

Com esta pasta devem ter-se fabricado vasos de dimensões intermédias.

O exame do conjunto deste tipo de cerâmica dá indicação curiosa

---

(15) J. Fontes — *La station de S. Julião aux environs de Caldelas*. «Bul. Soc. Port. des Sc. Nat.», VII, ext. XXIV, Lisboa, 1916.

que já foi notada por autor, a que não podemos fazer referência por termos perdido o verbete com a respectiva indicação. Trata-se de vasos em que abunda mica. Este material deve ter sido incorporado com intensão ornamental. De facto, não se tendo encontrado nesta estação objectos que lhe indiquem outra fácies industrial diferente do Eneolítico, não se pode atribuir a diferença apontada a outro facto. De mais a mais todos os fragmentos onde esta substância aparece têm pasta idêntica, e tanto quanto se pode avaliar pela curvatura dos bordos dos vasos, as dimensões respectivas são sensivelmente as mesmas, sendo as formas diversas.

A tese citada sofre com este descobrimento uma confirmação.

O uso da asa também foi conhecido pelos habitantes desta estação (asa redonda, saliência mamilar e orifício para suspensão).

Sóbria e rara é a ornamentação dos pedaços de cerâmica de Castanhais. A mais frequente consiste numa série de sulcos horizontais e sobrepostos.

Num bordo de um pequeno vaso, o artista obreiro vincou depressões contíguas. Mas o exemplar encontra-se bastante deteriorado para se poder averiguar como foram feitos.

Em dois exemplares a ornamentação merece registo.

No primeiro o bordo, chanfrado para a parte de dentro, apresenta na parte superior um dentado curioso, aos gomos, como se encontrou na gruta de Alapraia <sup>(16)</sup>.

No segundo, de pasta extremamente grosseira, há uma dedada profundamente gravada. O exame da cavidade mostra, em negativo, o feitio da unha com o seu rebordo circular e, mais, fundamente encavada, a polpa da cabeça do dedo. A cavidade adapta-se perfeitamente a esta parte do dedo indicador.

---

<sup>(16)</sup> Engénio Jalhay e Afonso do Paço — *A Gruta II da Necrópole de Alapraia*. «Anais da Academia Portuguesa da História», vol. IV, fig. 38, Lisboa, 1941.

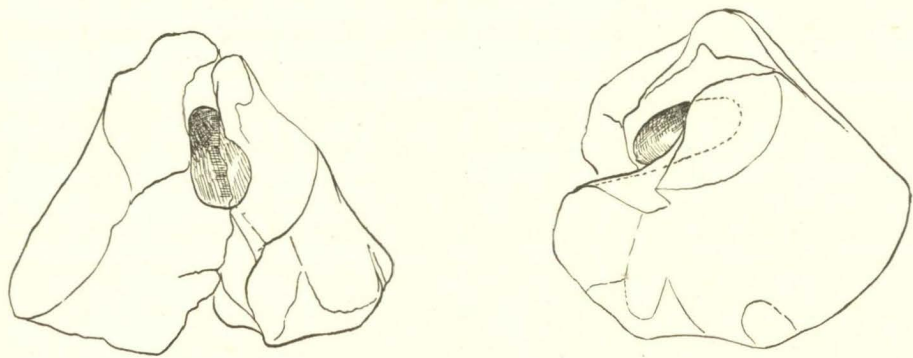


Fig. 5 — *Objecto de barro*

Também em Castanhais encontrou-se fragmento de placa de barro tendo numa das faces vários sulcos desenhados.

Trata-se também de objecto cuja utilização não é conhecida com segurança mas que, frequentemente, aparece nas nossas estações eneolíticas.

Em Vila Nova de S. Pedro, Jalhay e A. do Paço descobriram muitos exemplares, interessantemente ornamentados. Alguns deles são muito curiosos e do maior valor arqueológico (17).

A um outro objecto de barro há que fazer referência. Trata-se de um grande tronco de cone ( $0^m,118 \times 0^m,8$ ) de barro cozido. Na sua parte superior nota-se a impressão de um objecto de contorno semelhante ao dos machados de pedra que ali fora introduzido quando a pasta estava mole. Infelizmente, este perdeu-se e não podemos saber com segurança a sua forma (*Fig. 5*).

O descobrimento importante de Vergílio Correia na anta 1.<sup>a</sup> da herdade de Entreáguas em Pavia (18), esclarece o problema. O exemplar de Castanhais com o de Pavia deve ter servido para encabamento de um pequeno machado. Os dois objectos são absolutamente semelhantes. Trata-se de um objecto votivo.

\*

\* \* \*

A estação de Castanhais deve ter sido habitada durante o período eneolítico. Nenhum achado arqueológico, aqui feito, pertence a outra fase industrial.

---

(17) Afonso do Paço e E. Jalhay — *A Póvoa Eneolítica, etc., 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> campanhas*. Ext. 24, 25 e 3.<sup>a</sup>, 4.<sup>a</sup> e 5.<sup>a</sup> campanhas, est. 25. Afonso do Paço — *Placa de Barro de Vila Nova de S. Pedro*. Sep. das «Comunicações apresentadas ao 1.<sup>o</sup> Congresso do Mundo Português», pág. 43 e seg., Lisboa, 1941.

(18) Vergílio Correia — *El Neolítico de Pavia (Alemtejo-Portugal)*, pág. 60, fig. 48, Madrid, 1921.

É prematuro tirar conclusões do exame dos objectos aqui encontrados. O seu estudo leva-nos porém a aventar um certo número de hipóteses que só a exploração completa da estação poderá ou não confirmar.

A primeira impressão que se colhe quando se examina em conjunto o seu espólio é o da abundância de machados. E o facto é tanto mais para salientar porquanto os objectos recolhidos foram encontrados à superfície do solo e é natural que muitos destes utensílios tenham sido recolhidos pelo povo.

Tanto assim é que alguns dos exemplares em nosso poder tinham sido encontrados por pastores que no-los ofereceram espontaneamente, dizendo que aquelas pedras se encontravam ali com a maior frequência. Na região de Sintra a crença na *pedra de raio* existe ainda e é pois natural que ali se tenha feito farta recolha desses instrumentos.

O elevado número destes utensílios que encontrámos vem confirmar o facto de intensa indústria local.

É curioso notar que nas grutas de Poço Velho <sup>(19)</sup> Afonso do Paço reparou na mesma coisa.

Por outro lado, em ambas as estações, apareceram enchós e, também em ambas, objectos votivos em que estes instrumentos aparecem encabados. O tronco de cone de barro de Castanhais é, como vimos, um cabo de enchó ou machado polido. A fragilidade do encabamento, afirma uma ideia simbólica. Nunca este objecto podia ter tido uso comum.

Por outro lado, bem perto, na necrópole de S. Martinho, como a poucas léguas de distância, na anta da Estria, objectos similares na sua concepção ideológica mostram que nesta região houve um culto pela enchó ou machado.

Outro ponto curioso desejamos frisar. Não encontrámos nenhum pedaço de cerâmica que indicasse ser conhecido aqui o vaso campani-

---

(19) Afonso do Paço, *loc. cit.*, pág.

forme. É certo que a exploração do local não foi feita, mas também é verdade que o número de fragmentos de olaria recolhidos é muito elevado sem que nenhum deles lhe possa ser atribuído. E noutra estação eneolítica da serra de Sintra, que um de nós (J. F.) descobriu, há já anos, em Santa Eufémia, o vaso campaniforme apareceu. Por outro lado, na península de Cascais, nas grutas de Alapraia, Jalhay e Paço descreveram-nos vários exemplares.

Torna-se, pois, curioso, não se ter achado em Castanhais nenhum vestígio desses vasos.

Também é para salientar o facto de a ornamentação de cerâmica desta estação ser extremamente pobre. Não se encontrou ali nenhum fragmento de cerâmica com a bela ornamentação tão característica de Palmela, Alapraia, etc. O gosto artístico do íncola de Castanhais, expresso na sua baixela de barro, era o brilho da mica dourada nos vasos de pasta mais cuidada. É curioso notar que nas grutas de Poço Velho também não apareceram vasos campaniformes e um único pedaço de cerâmica teve uma ornamentação contemporânea da civilização eneolítica, em que aquela forma de vasilhas foi tão comum.

É, pelo menos, estranho que, em duas localidades tão próximas, se notem semelhanças industriais tão grandes (predomínio de machados, aparecimento frequente de enchós, objectos votivos em que a estes ou àqueles utensílios está ligada qualquer ideia simbólica, existência de grande número de vasos de fundo esférico e de pequenas dimensões), e não se encontrem em ambas, aquela forma cerâmica. Por último, os achados antropológicos vêm, por seu lado, querer provar que a mesma raça habitou os dois locais.

Há ainda um outro facto que merece ser posto em relevo. O habitante de Castanhais não deve ter sido o que fez o enterramento na necrópole de S. Martinho. Não é lógico admitir que simultaneamente inumasse os seus mortos em cavernas e em mausoléus cuidados como aqueles.

Ora o Homem das grutas de Poço Velho também escolheu as cavernas para enterrar os que morriam.

Todos estes factos levantam um problema arqueológico importante; parecendo que, nesta região, uma outra fácies de civilização eneolítica há a contar.

A exploração da estação de Castanhais poderá ajudar a esclarecer o problema.

# Castro de Vila Nova de S. Pedro

VI — Campanhas arqueológicas de 1943 a 1950

(N.º 7 a n.º 14)

por

Afonso do Paço

# Castro de Vila Nova de S. Pedro

## VI — Campanhas arqueológicas de 1943 a 1950

(N.º 7 a n.º 14)

*Em memória do P.º Eugénio Jalhay*

**M**AL sabíamos nós que, depois de tantas vicissitudes, havíamos de redigir sòzinhos o resumo destas campanhas.

A falta de tempo por um lado, e de recursos financeiros por outro, fizeram com que se fossem protelando os relatos das escavações deste castro, no género daqueles que nos primeiros anos se tinham publicado <sup>(1)</sup>.

É certo que em 1945, ao sair a lume, em Madrid, mercê da generosidade amiga do Comissário de Escavações Arqueológicas, Prof. Dr. Júlio Martinez Santa-Olalla, um trabalho em que se fundiram todas as publi-

---

(1) Afonso do Paço e Eugénio Jalhay — *A póvoa eneolítica de Vila Nova de S. Pedro — Notas sobre a 1.ª e 2.ª campanha — 1937-1938*. «Brotéria», vol. XXVIII e XXIX, Lisboa, 1939.

*Idem, idem*: — *Notas sobre a 3.ª, 4.ª e 5.ª campanha — 1939, 1940 e 1941*. «Brotéria», vol. XXXIV, Lisboa, 1942.

*Idem, idem*: — *Notas sobre a 6.ª campanha — 1942*. «Brotéria», vol. XXXVII, Lisboa, 1943.

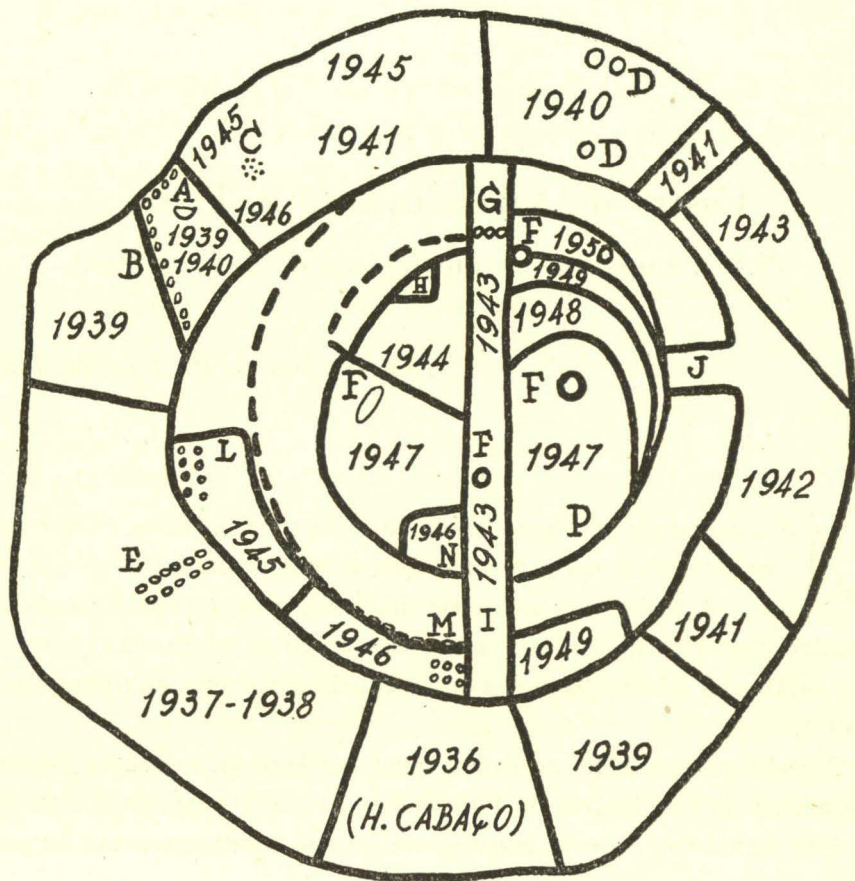


Fig. 1 — Castro de Vila Nova de S. Pedro, com indicação do local das campanhas realizadas até 1950.

A — Fosso com vasilha grande; B — Pareditas; C — Depósito de minério; D — Silos (1940); E — Pareditas; F — Silos; G — Paredita no extremo N. da trincheira (1943); H — Poço; I — Corte da muralha contendo cacos na camada inferior; J — Reconhecimento feito na muralha (1942); L — Pareditas e local das sementes de linho (1945); M — Muralha (1946); N — Local dos barros vermelhos e areias (1946); P — Local das sementes de trigo.

cações anteriores (2), já se incluíram observações dos anos de 1943 e 1944.

O pouco que agora vamos dizer, para conhecimento dos vindouros, só lastimamos que o não possa subscrever connosco o malogrado amigo e companheiro de tão duros trabalhos, P.º Eugénio Jalhay, que a morte arrebatou cruelmente a 30 de Novembro de 1950, pouco depois do encerramento dos trabalhos arqueológicos desse ano no castro de Vila Nova de S. Pedro e citânia de Sanfins.

### CAMPANHA DE 1943

O diário abre com estas palavras: «Subsidiada pelos Monumentos Nacionais com 5.000\$00, dos quais já se gastou um na publicação da campanha do ano passado».

Iniciada em 5 de Agosto, terminou a 26 do mesmo mês, tendo-se trabalhado 19 dias úteis, numa zona a N E. do morro central (*Fig. 1*).

Dirigiu a primeira parte das escavações, de 5 a 17, o P.º Eugénio Jalhay, que adoentado recolheu a Lisboa a 18, dia da nossa chegada.

Os terrenos agricultados onde ela se realizou deram apenas um vulgar e pouco numeroso espólio.

A 19 distraímos alguns operários para fazer uma limpeza na trincheira aberta por H. Cabaço em 1936, que depois aprofundámos um pouco a fim de proceder a um reconhecimento (*Fig. 2*).

---

(2) Eugénio Jalhay y Afonso do Paço — *El castro de Vilanova de San Pedro*. «Actas y Memórias de la Sociedad Española de Antropología, Etnología y Prehistoria», tomo XX, Madrid, 1945.

O aspecto que apresentava era o seguinte:

- a) superiormente, uma camada de terras negras com muita pedra de permeio e contendo pouco espólio;
- b) camada de terra com cinzas e espólio abundante;
- c) terreno natural constituído por um cré branco ou tufo.

Quando se procedia à limpeza da trincheira notou-se, no local em que esta cortava o circuito amuralhado, que por baixo deste havia cacos grandes de vasilhas diferentes (*Fig. 1, I*).

Pena foi que os dados estratigráficos começados a dividir este ano não se mantivessem bem definidos nos anos seguintes, mas os nefandos perquisadores de tesouros não o consentiram.

Contudo, conjugados estes factos com outros que com maior clareza se puderam observar nas campanhas de 1951 <sup>(3)</sup> e 1952, nota-se:

- a) que o terreno natural é constituído por um tufo calcáreo, a que as gentes chamam «cascão»;
- b) sobre este tufo assenta uma camada estratigráfica reveladora de intensa habitação, contendo espólio rico e abundante que parece não diferir, a não ser num ou noutro pormenor, do das camadas superiores.

No dia 20, ao pôr-se a descoberto o tufo calcáreo, deparámos com uma solução de continuidade, de aspecto circular. Ao proceder à sua limpeza verificou-se que se tratava de um silo com cerca de 1<sup>m</sup>,25 de profundidade e 0<sup>m</sup>,90 de boca, alargando o todo na parte inferior (*Fig. 1, F*).

---

<sup>(3)</sup> Afonso do Paço e Maria de Lourdes Costa Arthur — *Castro de Vila Nova de S. Pedro: I — 15.ª Campanha de escavações (1951)*. «Brotéria», vol. LIV, Lisboa, 1952. III — *Perfis de bordos de vasos não ornamentados*. «O Instituto», vol. 115, Coimbra, 1952.

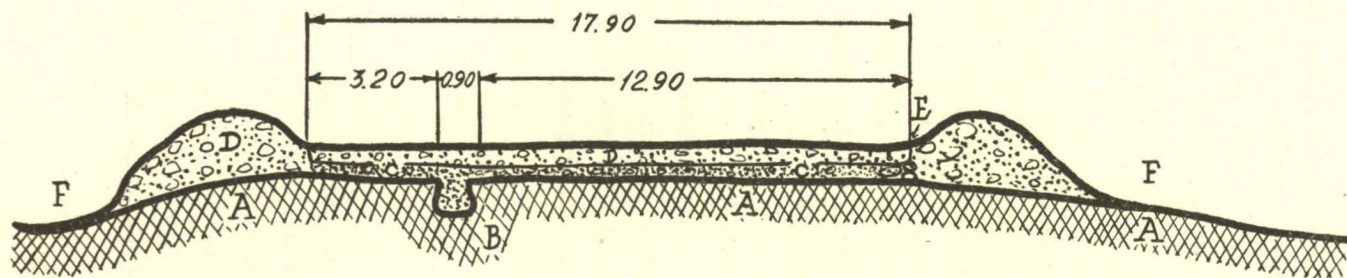


Fig. 2 — Reconhecimento do morro central feito em 1943.

A — Tufo calcáreo; B — Silo; C — Camada de terra com cinzas contendo abundante espólio; D — Camada de pedras e terra, cobrindo a camada anterior e contorno do morro; E — Paredita a N. da trincheira; F — Zona povoada contornando o morro central.

Dentro havia terra esbranquiçada com restos de carvões, dois machados de pedra polida, fragmentos de cerâmica sem decoração, de sílex e de setas, além de ossos de animais e uma calote de grés.

Os trabalhos da parte exterior do reduto foram abandonados logo que a zona de cacos e ossos se extinguiu e começou outra totalmente desprovida de espólio e sem o menor indício de ter sido povoada.

A trincheira de reconhecimento do morro central, orientada mais ou menos no sentido N-S., pôs a descoberto uma zona de tufo ou «cascão» de 17,<sup>m</sup>00 de comprimento.

No extremo N. notámos uma fiada de pedras grandes (*Fig. 1, G*), espécie de paredita que limitava uma rampa de barros amassados, construção artificial e compacta que nos parecia abraçar todo o morro, diferindo totalmente das terras soltas, esbranquiçadas primeiro e negras depois, que a cobriam, com muitas pedras de permeio e quase sem espólio.

Esta construção fora cortada a S., como dissemos, pela trincheira aberta por Cabaço, facto que nos permitiu reconhecer, pelo menos em parte da sua base, a existência de fragmentos cerâmicos.

A observação deste ano relativa à construção de argamassa que ficava a N. da trincheira é curiosa, pois em 1952 encontraram-se no seu interior restos de um forno de cozer cerâmica e de uma muralha.

\*  
\*   \*  
\*

No caminho que dá acesso ao castro, próximo do moinho de vento, notava-se que o tufo calcáreo soava a oco. Um reconhecimento permitiu-nos localizar um silo de boas dimensões, que estava atulhado de pedras e barros e onde havia restos de uma pá de ferro.

O nosso colaborador para as sementes pré-históricas, Eng. Agrónomo A. R. Pinto da Silva, veio visitar-nos a fim de estabelecer contacto com

o povoado de que já estudara sementes de *Vicia faba*, var., *Celtica nana* Heer, e de *Quercus*.

O espólio deste ano não foi muito abundante.

Na zona exterior do morro caiu-se num local quase desabitado, mas que era forçoso reconhecer.

Interiormente limpou-se a «trincheira Cabaço», reconhecendo-se a sua profundidade e limites N e S. O espólio desta tinha sido colhido na quase totalidade em 1936.

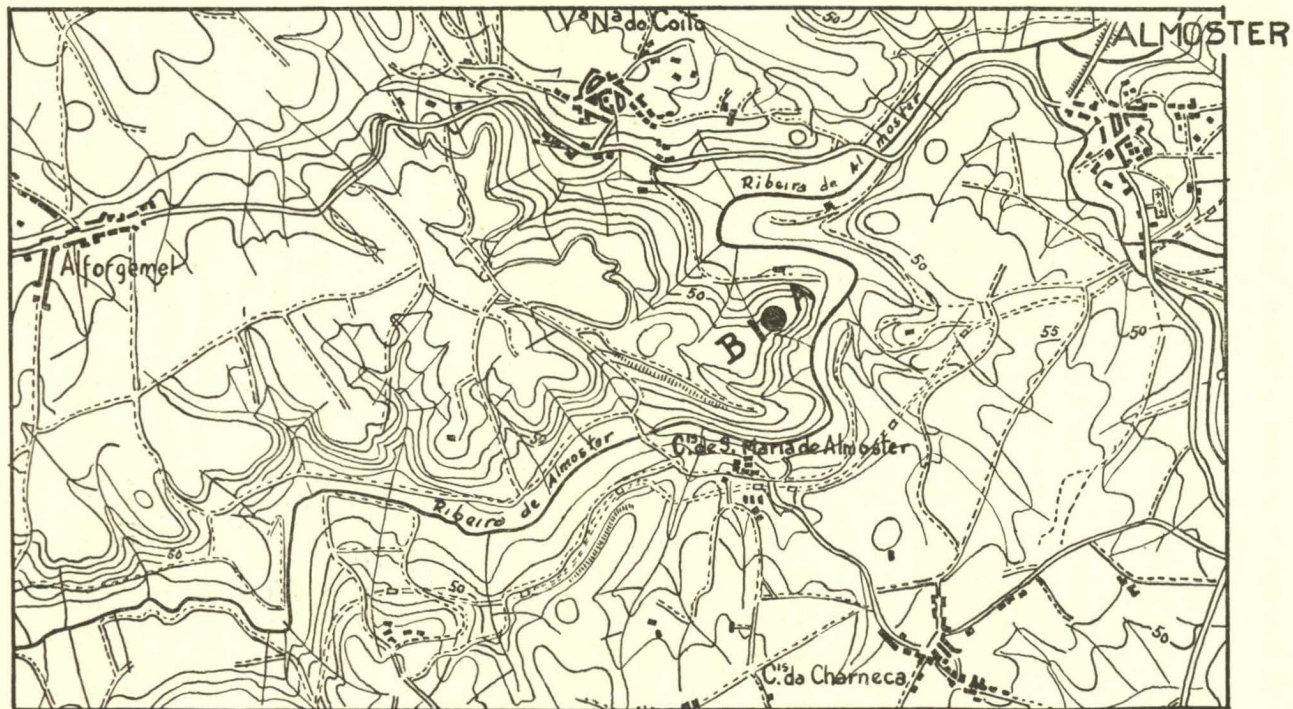
\*  
\*   \*  
\*

Sempre que chegava até nós notícia de qualquer achado arqueológico nas imediações do castro, tratávamos imediatamente de o reconhecer e fazer as convenientes sondagens no local. De há tempos que tínhamos conhecimento, por indicação de H. Cabaço, de um lugar existente na povoação de Vila Nova do Coito a que as gentes chamam «castelo».

No domingo 22, dia de descanso, para lá nos dirigimos às 8<sup>h</sup>,30, acompanhados do nosso capataz e de dois operários conhecedores da região, munidos das necessárias ferramentas.

Caminho fatigante que durou 1<sup>h</sup>,30 ao longo do canal do Alviela e grimpendo uma áspera e contundente encosta. Atravessámos o campo da batalha de Almoster, onde liberais e miguelistas se defrontaram em 18 de Fevereiro de 1834. Um dos nossos companheiros, por o ter ouvido a um dos seus antepassados, conhecedor do facto, fez-nos uma descrição das posições dos adversários, quartéis gerais dos seus chefes e vicissitudes do combate.

A ribeira de Almoster apresenta ali curiosos meandros contornando duas espécies de penínsulas, uma das quais é de declive escarpado e agreste, pelo menos do lado Sul (*Fig. 3*). O seu istmo está cortado por um fosso artificial (*Fig. 3, B*), cujas terras se utilizaram para formar um talude,



### LEGENDA

----- CANAL DO ALVIELA

==== ESTRADAS

—— RIBEIRA

● A - CASTRO

┆ B - FOSSO E TALUDE

600M.

Fig 3 — Trecho da carta 1/25.000 da região de Vila Nova do Coito.

um e outro ainda bem visíveis apesar da acção erosiva do rodar dos séculos.

Nesta península, defendida à maravilha por Deus e pelo homem, encontrámos vários fragmentos de uma cerâmica muito grosseira, mas nada de instrumentos líticos ou fragmentos de sílex.

Quisemos fazer algumas sondagens, mas os terrenos calcinados pelo sol estavam tão duros que a picareta mal conseguia arranhar a superfície.

Em visita de estudo que ao mesmo local fizemos com a Dr.<sup>a</sup> D. Maria de Lourdes Arthur no domingo 21 de Setembro de 1952, fomos mais felizes, pois numa recente surribo que para plantio de vinha se fizera na vertente N., conseguimos recolher uma cerâmica, grosseira é certo, mas que poderíamos classificar de romana, idêntica a outra que tínhamos encontrado nos «castelos» do Corregedor e Vidais, no concelho de Marvão. Aqui e além também nos apareceram jorras de ferro.

#### CAMPANHA DE 1944

Subsidiada com 6.000\$00 pelo Ministério das Obras Públicas — Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais —, começou a 2 de Agosto e terminou a 22 do mesmo mês, tendo-se trabalhado 18 dias úteis.

Na véspera, com o P.<sup>o</sup> Jalhay, escolhemos o local de trabalho. Decidimos abrir uma trincheira oblíqua à do ano passado e na direcção N W., partindo de um lugar adiante do silo (*Fig. 1*).

Espantava-nos a quantidade de pedra solta com que topámos, o que nos levava a admitir a destruição de muralhas, facto que os achados de 1951 e 1952 vieram comprovar.

As camadas superiores, de terra vegetal com abundante pedra de permeio, eram quase estéreis e nalguns pontos atingiam mais de um metro de altura. Diz o diário que na camada inferior, isto é naquela que assentava directamente sobre o tufo, é que se encontrava algum espólio.

No dia 4 retirámos nós para Lisboa, ficando Jalhay sòzinho na direcção dos tabalhos.

No dia 5, diz-se que não se nota qualquer vestígio de estratificação. Tornemos a lembrar que, enquanto a zona do exterior do morro tinha sido remexida pela charrua, a do interior fora retalhada pelo alvião dos pesquisadores de tesouros.

Uma grande parte do subsídio deste ano, bem como dos anteriores, fora dispendido com o aluguer de carroças que carregavam os materiais para longe do recinto das escavações. Montões de pedras que tudo dificultavam e obstruíam, eram a nossa sombra negra.

A 14 de Agosto há esta observação:

«Começámos a aprofundar a trincheira que abrimos, explorando já a camada de cinzas que se vê nitidamente na grande trincheira transversal (4). O resultado foi encontrarmos rico e abundante espólio, principalmente em cerâmica decorada. Na parte superior encontrámos objectos de cobre (punções, escopro, etc.)».

Começaram depois a aparecer pedras soltas, resultantes de desmonamentos, e diz-se a 17:

«Os operários que há dias sentiram a terra *fofa* e desprendida à entrada da trincheira transversal, tinham razão. Esta manhã descobriu-se aí um enorme cinzeiro, com um depósito notável de ossos queimados e fogareiros de barro (5), além de muitos

---

(4) Trincheira que limpámos em 1943.

(5) Chamamos «fogareiros de barro» ou simplesmente «pés de fogareiros» à falta de melhor nomenclatura, a uns objectos cónicos de barro vermelho, pouco consistente, que aparecem, as mais das vezes, de permeio com as cinzas.

outros ossos. Instrumentos de sílex, etc., poucos apareceram, mas o cinzeiro aprofunda ainda mais e dá a sensação de estar cavado, à maneira de *silo*, no tufo calcáreo.»

E a 18:

«As escavações de ontem para hoje, mostraram um local interessantíssimo, cheio de mistério.» Diz-se que a espécie de *silo* «aprofundava cada vez mais» e que «é de notar que grande parte do entulho está sobreposto por uma camada de argamassa. Ladeando a concavidade aberta, mas do lado S., o cinzeiro prolonga-se, dando muita fauna, cacos, conchas e alguns objectos de sílex».

Ao meio-dia de 18 voltámos a Vila Nova, em companhia de Maxime Vaultier e Dr. George Zbyszewski, que foram visitar as escavações. Uma queda de Jalhay nesse dia, obrigou-o a permanecer em casa do nosso hospedeiro e de cama, onde se aguentou até à tarde de 21 em que, por motivo do mal-estar e dores que progressivamente aumentavam teve de recolher de automóvel a Lisboa. A radiografia acusou fractura de uma costela.

A 19 nota-se no local atrás referido a abertura de um poço, e dizíamos no diário:

«Apareceram hoje muitíssimos ossos de variados animais, o que se conhecia pela dentição dos fragmentos de maxilares encontrados. Muitos deles estavam calcinados ou atacados pelo fogo, dando a impressão que diversos bichos morreram na boca do poço, ou por cima dela, melhor diríamos.

Em determinado local notava-se uma camada espessa de cinzas, carvões e ossos queimados, mós estaladas pelo fogo, pedras muitíssimo calcinadas, fragmentos cerâmicos, placas de barro, etc.

O todo exalava um cheiro repugnante, cheiro este que também se notava no conjunto de pedras que entulhavam a abertura da parte superior do poço e o próprio gargalo.»

As escavações destes dias, até ao encerramento da campanha, quase se limitaram a um reconhecimento completo deste novo achado, bem como ordenação de alguns trabalhos anteriores.

Uma gravura (*Fig. 4*), dará de tudo melhor ideia que uma longa descrição.

#### CAMPANHA DE 1945

Subsidiada pelo Ministério das Obras Públicas — Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais — com a quantia de 7.000\$00.

Neste ano o Instituto de Alta Cultura contribuiu com 1.500\$00 para custear algumas das despesas feitas com a publicação em Madrid do artigo *El Castro de Vilanova de San Pedro* <sup>(6)</sup>.

Começámos os trabalhos a 17 de Julho e encerrou-se a campanha a 8 de Agosto, tendo-se trabalhado 19 dias úteis (*Fig. 1*).

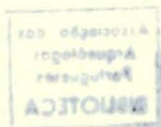
No ano anterior, depois de curada a fractura da costela, ainda se deslocou o P.<sup>o</sup> Jalhay para Sanfins, dando início à primeira campanha da citânia <sup>(7)</sup>.

No presente ano e nos seguintes, por motivo da realização das duas campanhas arqueológicas — Vila Nova de S. Pedro e Sanfins — houve necessidade de começar a primeira mais cedo, facto que permitia a Jalhay uns dias de descanso entre uma e outra.

---

<sup>(6)</sup> «Actas y Memórias de la Sociedad Española de Antropología, Etnología y Prehistoria», tomo XX, Madrid, 1945.

<sup>(7)</sup> Eugénio Jalhay — *A Citânia de Sanfins*. «Brotéria», vol. XXXIX, Lisboa, 1944.





«Ficou assente começar esta campanha pelo terreno ainda inexplorado que está no local onde se encontrou, em 1939, um grande vaso (8). A «cisterna» (9) do morro central só pode ser posta a descoberto quando chegarem as vagonetas prometidas.»

É que, afogados pelas enormes quantidades de pedra que ficaram do ano passado, não nos podíamos movimentar e se fôssemos retirá-la por meio de carroças o subsídio não daria quase para mais nada.

Tinham ficado em 1941, próximo do lugar referido, umas pareditas, ou melhor, pedras dispostas sobre uma camada de terras.

Desmoronadas pelas intempéries, verificámos este ano que as terras que estavam por baixo, «muito engorduradas, encerravam cerâmica, objectos de sílex, fauna, etc.».

Uma outra parede que se notara, não tinha continuação, pelo que na tarde de 17, limpo já quase todo o terreno, tivemos que desviar parte dos operários para um local a S W. que tinha ficado por escavar nas primeiras campanhas, quando ainda estava mal delineado o contorno do que chamamos morro central (*Fig. 1*).

A 19 tivemos de recolher a Lisboa, chamados pelas nossas ocupações militares que difilmente se acomodam à Arqueologia (10).

As terras das camadas superiores, agricultadas e cheias de pedregulhos, raro espólio nos revelaram. Este apenas se observa abundante na parte inferior, isto é, por cima do cré.

---

(8) Afonso do Paço — *Uma vasilha de barro de grandes dimensões do «Castelo» de Vila Nova de S. Pedro*. «Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências», Porto, 1942.

(9) A cisterna não é mais que o poço encontrado no ano anterior.

(10) Nomeado professor de um curso de Oficiais Milicianos não pudemos voltar este ano ao castro.

A 20 de Junho diz o diário:

«Começou a aparecer, de manhã, a meio da trincheira transversal aberta a Sul do castro, uma construção irregular em forma mais ou menos de círculo, com outras pedras dispostas à esquerda, que também não são casuais. Por cima do tal círculo de pedras apareceu muita cerâmica e fragmentos de um vaso com decoração nos bordos... Um fragmento de cadinho tinha muitas aderências de cobre derretido.»

E a 21:

«Ao pé desses muros descobertos há vestígios de grandes lareiras. Recolheram-se dois vasos quase completos, mas fragmentados, *esmagados por pedras.*»

A 23 identificaram-se dois muros paralelos no local dos trabalhos dos dias anteriores, perguntando Jalhay se seria «galeria de algum *monumento*».

Refere-se a 25:

«...a construção encontrada nos dias anteriores está a dar muitas surpresas. Ao fundo da galeria começou a aparecer de manhã uma espécie de poço que entra para dentro do morro. À tarde encontrou-se mais para dentro um arco de barro amassado e alisado... Dentro desse poço começou a aparecer espólio variado e rico: facas grandes, punções de osso, etc.»

E a 26:

«Ao fundo da galeria encontrada há dias, no *poço* ontem identificado, apareceu um punhado de pequenas sementes incarbonizadas. Não sei o que será. Recolheram-se todas num envelope à parte. Até agora ainda não apareceram sementes destas» (*Fig. 1, L*).

Estas sementes, estudadas mais tarde pelo Eng. Agrónomo A. R. Pinto da Silva, foram classificadas como sendo de linho e pertencentes a «uma das espécies cultivadas ainda ao presente no nosso País, isto é, ou ao *Linum humille* Mill. ou ao *L. usitatissimum* L.», muito provavelmente ao primeiro <sup>(11)</sup>.

Durante a campanha de 1952, depois de identificarmos com a Dr.<sup>a</sup> M. Lourdes Arthur restos de uma camada estratigráfica assentando directamente sobre o cré ou calcáreo natural, quisemos verificar se por baixo de umas pareditas que ainda nos restavam da campanha de 1945, também se encontrava o estrato existente do lado de dentro da muralha. Notámos então que tais construções assentavam de facto sobre tal camada, correspondente aos primeiros habitantes do castelo.

Portanto, os cinzeiros ricos em espólio, de que se fala, e de que se encontravam escassos elementos aqui e além, não são mais que vestígios dos primeiros habitantes.

É curioso observar que é especialmente sob estas pedras que se encontram fragmentos de muita cerâmica partida e mesmo sementes.

A espessura dos estratos atingia neste lugar grande altura, pois de um «cinzeiro» que ficava junto diz Jalhay:

«É dos maiores encontrados até aqui. Tem sítios onde as cinzas se apanham às mãos cheias. A camada de carvão e cinzas chega a ter nalguns sítios quase meio metro de espessura.»

A 2 de Agosto alargou-se a escavação para Leste, tendo começado a aparecer novas pareditas e o que se chamou outro «cinzeiro de *profundidade*».

---

<sup>(11)</sup> Afonso do Paço e M. Lourdes Arthur — *Castro de Vila Nova de S. Pedro: IV — Sementes pré-históricas de linho*. «Archivo de Prehistoria Levantina», vol. IV, Valência, 1953, pág. 151.

A 7 de Agosto recebeu Jalhay a visita dos arqueólogos alemães Dr. George Leisner e Ex.<sup>ma</sup> Esposa D. Vera.

Compararam Vila Nova de S. Pedro a Los Millares, estação situada no levante espanhol, disseram que o cemitério devia ficar para os lados do moinho de vento, em todo o caso nunca a mais de 5 ou 8 minutos de caminho.

Também observaram que por cima da *cultura da argamassa* estava a *cultura dos muros*, pois estes tinham sido feitos depois daquela.

A chamada *cultura da argamassa* não é mais do que a primeira camada estratigráfica que assenta sobre o cré e de que houve ligeiras amostras na escavação deste ano e que encontrámos com toda a nitidez, conforme se referiu, na companhia de 1952.

O «cemitério» que já vínhamos procurando há alguns anos e continuamos a pesquisar, ainda não apareceu, apesar das sondagens nas terras, circundantes, feitas directamente por nós ou por ocasião de corte de pedra, e mesmo dos reconhecimentos praticados nas grutas das redondezas.

A escavação deste ano não deixou de ser das mais curiosas, quer pelo aparecimento de pequenos muros assentes sobre a camada estratigráfica e que por isso mesmo a defenderam, permitindo a sua chegada até nós, quer pelo achado de sementes de linho, planta que alguns autores asseveraram só ter sido introduzida no nosso país pelos celtas <sup>(12)</sup>.

## CAMPANHA DE 1946

A 10.<sup>a</sup> campanha foi subsidiada com 10.000\$00 pela Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. Iniciada a 16 de Julho, terminou a 14 de Agosto, tendo-se trabalhado 25 dias úteis.

---

(12) Werner Rothmaler — *Sobre a sistemática e a sociologia dos linhos em Portugal*. «Agronomia Lusitana», vol. VI, tomo 3.º, Lisboa, 1944.

Começámos por escavar a zona à direita do local onde se tinha terminado o ano passado (*Fig. 1*).

No primeiro dia houve a assinalar o aparecimento de ossos de grandes bóvidos e um punhado de sementes de favas incarbonizadas (*Vicia faba*, var. *Celtica nana* Heer.). Nessa mesma tarde as nossas ocupações militares fizeram-nos recolher a Lisboa.

A 17 diz Jalhay que «encontrara um grande cinzeiro resguardado por barro amassado, da mesma qualidade do que costumamos ver nos pés ou trempes» (13).

Verificou-se depois que este resguardo de barro amassado não fazia círculo.

A zona escavada era de início pouco rica em espólio. Constituída por grandes alturas de terras negras e pedras, só no fundo é que a camada de cinzas dava algum material.

O diário relata a 19:

«Colocámos pedras sobre o barro cozido do cinzeiro, a fim de o resguardar e podermos continuar as escavações para diante. Ao lado esquerdo apareceu uma pedra disposta à maneira de banco. Por baixo e adiante, havia um grande cinzeiro, talvez continuação do que estava ao pé do barro. No espólio nada de notável. Muita fauna, sobretudo *bos*.»

Em 20:

«Logo de manhã apareceu à esquerda da dita pedra, mas mais para diante e a grande profundidade, um grande buraco cheio de cascalho e de *muitos* ossos. Nunca apareceram tantos ossos

---

(13) São os pés de fogareiros atrás referidos.

juntos. Colheram-se também em vários sítios fragmentos de um mesmo vaso. Fica-se com a impressão de que os habitantes fugiram precipitadamente e que os novos ocupantes devastaram a povoação, incendiando-a. Há pedras que estão queimadas na face inferior.»

A 22 e 23 apareceram novos muros que assentam sobre a camada de argamassa e esta por sua vez sobre a camada de cinzas, o que «faz pensar num possível incêndio da povoação mais antiga, sobre a qual se levantou outra mais moderna».

A 24 diz-se que as cinzas que estão por baixo da argamassa «só dão ossos e cacos muito rudes».

A 25:

«Continuamos a avançar para o morro. Cada vez mais dá a sensação de terem existido pelo menos *duas* povoações, tendo sido incendiada a primeira, e edificada sobre ela a segunda.

Há um estrato de barro queimado *por debaixo* dos muros toscos que aparecem. Parece que a segunda povoação durou menos tempo que a primeira, *sensivelmente da mesma cultura*. Começa a ver-se uma certa homogeneidade de cultura neste castro. Embora haja sucessão de povoações, não parece que o tenha havido de culturas. Um ataque inimigo, vindo por exemplo de Pragança, ou de outro castro, que desse como resultado a derrota do de Vila Nova seguida de incêndio posto, explicaria as camadas que se vêem.»

Aqui há a observar, baseados nos conhecimentos advindos em 1952, que a zona de cinzas, não é resultante de um incêndio, mas sim da acumulação de detritos de povos que ali viveram, quem sabe se mais de duas centenas de anos, tal a espessura que apresenta nalguns pontos.

Durante as escavações tivemos sempre a noção da existência de um povo invasor, que destruindo o existente, edificou sobre os escombros um novo povoado, ambos sensivelmente da mesma cultura.

«Serão eles resguardo de alguma parte do morro? O interessante está em que, nas terras *entre* os muros é que aparece mais espólio, ou então, nas cinzas que estão por *debaixo* deles. Temos aqui uma *sobreposição*. Só de culturas? Ou também de povos cronologicamente separados?»

O espólio que se diz proveniente de «entre os muros», é principalmente dos terrenos que ficaram num nível inferior à base dos mesmos e correspondente aos primitivos habitantes.

Tendo nós voltado a Vila Nova na tarde de 29, na manhã de 30 Jalhay recolheu por alguns dias a Lisboa para assistir, com os seus irmãos de religião, às comemorações em honra de Santo Inácio de Loiola.

Os muros divisados nos dias anteriores tornam-se mais definidos. São em número de três, paralelos, os dois primeiros a contar de fora mais baixos, servindo como que de encosto ao terceiro, bastante mais elevado. (*Fig. 1, M e fig. 5, A, B, C*).

Este último é que devia ser elemento do pano exterior da muralha. Há, entre eles, pequenos espaços, cheios de pedras e terra solta.

Enquanto que as pedras dos dois primeiros são grandes e toscas, assentes sobre argamassa que cobre a camada de cinzas, as do terceiro constituem uma parede mais cuidada, dispostas em forma de cutelo, com a parte mais volumosa ou «cabeça» para fora e a mais estreita para dentro. Entre elas há uma espécie de barro amassado, pois não tocam directamente umas nas outras.

O trabalho destes dias, limitado a uma zona de entulhos e terras que cobriam o sistema de muralhas, não deu espólio que se visse e algumas

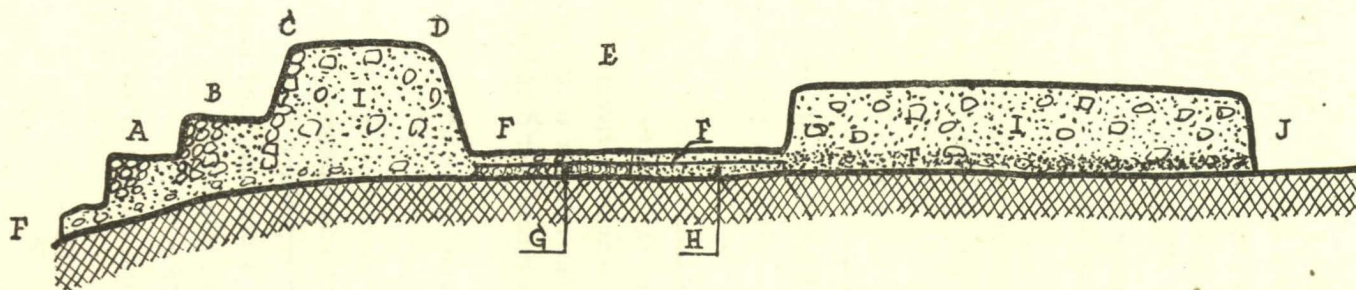


Fig. 5 — Reconhecimento de muralhas na campanha de 1946.

A e B — Espécie de muros de suporte; C — Fragmento de muralha exterior; E — Golpe aberto para tentar reconhecer a muralha interior; F — Camada de terras e cinzas com espólio; G — Camada de barros vermelhos; H — Camada de areias vermelhas; I — Terras e pedras sem espólio, junto da muralha e no interior do morro; J — Escavação de 1944.

vezes foi mesmo nulo. Há contudo a referir uma pequenina pomba (?) bem lançada, cabeça de um alfinete de osso, apenas de vinte milímetros de comprimento, coisa que destoa no conjunto arqueológico e nos faz pensar em influências do Mediterrâneo Oriental. (*Fig. 8, n.º 9*).

O achado e identificação do referido pano de muralha, levou-nos a tentar reconhecê-la pelo lado interior do morro, coisa a que demos início no dia 31, abrindo um golpe á esquerda da chamada trincheira Cabaço. (*Fig 1, N e fig. 5, E*).

Ao fim da tarde de 1 de Agosto voltou Jalhay de Lisboa e no dia seguinte, quando, pelas 16 horas, por ocasião do descanso do pessoal, nos dispúnhamos a repousar um pouco na nossa barraca, chegou a almejada camioneta de Lisboa com duas vagonetas e os respectivos carris para cerca de 50 metros de via.

O Ex.<sup>mo</sup> Director-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, que em 16 de Julho nos acompanhara a Vila Nova, prometera enviá-las durante a campanha do presente ano.

O novo material foi logo montado e entrou em serviço, modificando totalmente o ritmo das escavações. Os montes de pedra começaram a ser conduzidos para fora do recinto escavado e tivemos de admitir mais pessoal para o seu carregamento e movimentar o «decauville».

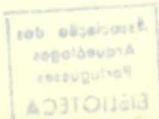
Nos dias 2 e 3 continuámos a reconhecer o que julgávamos ser o lado interior da muralha.

A princípio apenas se escavaram terras soltas de permeio com muitas pedras, restos de desmoronamentos.

Por debaixo destes entulhos havia uma camada de terras esbranquiçadas com cinzas de permeio, contendo bastante espólio. (*Fig. 5, F*).

Sob esta camada, de pequena espessura, ficava uma outra de barros vermelhos (*Fig. 5, G*), que tinha a um lado, perfeitamente à parte, uma boa porção de areias da mesma cor, bem calibradas, parecendo que tinham sido passadas por uma peneira. (*Fig. 5, H*).

Ficámos com a impressão de que os primitivos habitantes do «castelo»



tiveram ali um depósito de barros para fabrico de cerâmica, bem como das respectivas areias utilizadas como desengordurantes. A camada fina de cinzas e terras com espólio talvez correspondesse a outro período de habitação, sem contudo se pôr de parte a ideia de que pertencesse a uma segunda fase dos primeiros povos.

Diz-nos o diário que, do lado de dentro do morro, se recolheram alguns fragmentos de campaniforme, sem que houvesse possibilidade de lhe atribuir um nível definido.

Neste ano também se mandou proceder a um reconhecimento e limpeza de uma muralha que apareceu a Oeste do castelo, quando se procedia a um corte da vegetação que a ocultava, bem como se cavou um pouco na camada de argamassas onde se realizara a escavação de 1939, no local da grande vasilha de barro, as quais continham de permeio cacos e avançados ossos de bovino.

A 8 de Agosto, recolhemos a Lisboa em companhia de Maxime Vaultier e dos geólogos Dr. Georges Zbyszewski e Prof. Dr. Carlos Teixeira, que nos vieram visitar e proceder a um reconhecimento geológico do castro e suas imediações.

No interior do morro, no dia 10, encontrou Jalhay na camada mais baixa um fragmento de vasilha vermelha «que à primeira vista parece romano».

Pela pureza dos barros e técnica de fabrico, notou que não era de indústria local, mas que devia ter sido trazido para o castro pelos primeiros povos que nele se estabeleceram. (*Fig. 8, n.º 2*).

Constatação análoga, e com idênticos achados, se fez na campanha de 1951, em nível perfeitamente determinado <sup>(14)</sup>.

A 12 de Agosto, ao alargar para ocidente a trincheira Cabaço, recolheu Jalhay duas lanças tipo Palmela, mas em local que não continha indicações estratigráficas.

---

(14) A. do Paço e M. Lourdes Arthur — «...15.ª campanha...»

A muralha que ficava a ocidente do castro, revelou-nos em determinada altura, uma solução de continuidade, que interpretámos como sendo uma porta.

#### CAMPAÑA DE 1947

Subsidiada com 20.000\$00 pela Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, foi iniciada pelo P.<sup>o</sup> Eugénio Jalhay a 28 de Junho, encerrando-se a 22 de Julho, depois de 21 dias de trabalho útil.

Em 26 e 27 alguns homens procederam à montagem das vagonetas e construção da barraca.

Escolheu-se um sector a leste da trincheira Cabaço, em frente do local onde tinham terminado os trabalhos do ano passado (*Fig. 1*).

Além da abundância de material, observa Jalhay no dia 29:

«Mas o principal de tudo foi a identificação do cinzeiro que do lado direito da trincheira Cabaço se encontrou sensivelmente no mesmo nível do que está do lado esquerdo. Trata-se pois de um único cinzeiro que foi cortado por aquela trincheira.»

Continua pois a divisar-se a camada inferior de cinzas e terras queimadas, seguida de outra de pedras e argamassa, ficando por cima a terra vegetal com pedras.

Entre o espólio dos primeiros dias, constituído por muitas dezenas de pontas de seta e faquinhas, botões de osso, um cilindro de calcáreo com tatuagem, um escopro metálico, etc., não deixou de aparecer um micrólito trapesoidal e muitos fragmentos de vaso campaniforme, sem que para o todo se possa atribuir um nível definido.

No princípio de Julho começou também a escavar-se na continuação do local em que se tinha ficado no ano anterior, trabalhando-se portanto à direita e à esquerda da referida trincheira Cabaço.

A 2 de Julho um novo e curioso achado (*Fig. 1, P*):

«No fim do primeiro quartel, deveriam ser umas 10 horas e quinze minutos, chamaram-me para ir ver um monte de sementes queimadas. Fui. Verifiquei o seguinte: a camada de barro queimado, e só *ela*, está cheia de pequeninas sementes pretas que dão a aparência de ser trigo. É curioso que fora da camada *não há sementes*. Estão por assim dizer *empapadas* no barro juntamente com muitos carvões e cinzas. Recolhi duas caixas delas <sup>(15)</sup> e vários fragmentos de barro com as mesmas. Tirei quatro fotografias. Logo a seguir às sementes, em direcção ao centro do morro, estava partido em vários pedaços um vaso enorme, tão grande ou quase como o que foi para o Museu do Carmo <sup>(16)</sup>. É de suspensão a julgar pelos furos nos bordos... O terreno por cima do vaso mostra uma cavidade entulhada, *artificial*... Mais para lá ainda... um campaniforme quase completo, mas partido.»

Daqui se depreende, que sobre a camada de cinzas, isto é, sobre o estrato dos primeiros habitantes, ficavam barros e sementes, tal qual observamos mais tarde nas campanhas de 1951 e 1952.

Próximo das sementes, fragmentos cerâmicos de uma grande vasilha e de um campaniforme. Porém, tudo isto, ficava por cima da camada estratigráfica.

É deste dia uma linda seta de cristal de rocha belamente trabalhada.

A 3 de Julho uma rapariga «esteve durante quase todo o primeiro quartel a recolher mais sementes das encontradas ontem, são aos montes, mas desfazem-se facilmente ao retirá-las do barro queimado em que se encontram».

---

<sup>(15)</sup> Caixas de fósforos usadas para recolher os objectos mais delicados.

<sup>(16)</sup> Grande vasilha de barro encontrada na escavação de 1939.

Junto do campaniforme de ontem encontrou-se um fragmento de cadinho que não é de barro como os outros, mas de rocha. Temos assim contemporaneidade da metalurgia e daquele vaso. Neste dia e no seguinte o espólio manifesta-se riquíssimo, recolhendo-se objectos até nas camadas mais altas de terras e pedras. Havia setas e faquitas às dezenas, cilindros de calcáreo, fragmentos de placas de xisto, grande variedade de contas, etc., etc.

Divisaram-se também indícios de muros.

A 5 de Julho o número de sementes aumenta de tal modo que Jalhay chega a pensar que o «morro central era um enorme celeiro mais ou menos guardado por muralhas».

«Hoje continuaram a aparecer *milhares* de sementes, que no dizer de todos, são de *trigo!!* Magnífico achado. Tínhamos já bolota, fava, linho, e agora aparece o trigo. Mais uma vez me persuado que os habitantes do castelo foram vítimas dum ataque de povos vizinhos, da *mesma cultura*. A camada de cinzas que se vê *dum e doutro lado* da trincheira revela que foi posto fogo a essa parte numa grande extensão. Cinzas, carvão e pedras estaladas, tudo indica um fogo terrível. É nessa camada que se encontraram ontem e hoje verdadeiros montões de sementes. Uma mó que nela se encontrava estava completamente calcinada, desfazendo-se ao ser retirada... Por cima da camada de cinzas — bem negra — há um grande acervo de pedras e argamassa amarela, que contém objectos da mesma cultura, cerâmica, ossos, etc. Assim se verifica a hipótese que formulei o ano passado: *há pelo menos duas povoações, uma sobre as cinzas da outra*.

No local vizinho do cinzeiro, continua a aparecer um espólio variado e riquíssimo. Esta manhã apareceu uma bela foice ou punhal recurvado, *de cobre*. O terreno está cheio de setas. Num

minuto um dos trabalhadores, esgaravatando com os dedos, apaixonou logo cinco. Indício de combates para a defesa do celeiro?»

Este local tão rico em grãos e espólio, assemelha-se muito ao do achado de sementes de cevada em 1951 e 1952 (17).

«Encontram-se também caixinhas de osso queimado, botões de tartaruga e tantas setas, que já não havia lugar para as pôr nas caixinhas de fósforos que existiam em cada crivo.»

A 7 de Julho a riqueza do espólio aumenta. Só nesse dia 132 pontas de seta, afora muitos outros objectos, entre eles uma placa de barro com um símbolo feminino, um machado espalmado de cobre tendo aderente outro de xisto, três tigelinhas pequenas junto do «celeiro», etc.

Ao aprofundar-se, a 8 de Julho, o lado esquerdo da trincheira, encontrou-se uma espécie de vala ou silo alongado, com 4<sup>m</sup>,8 de comprimento por 1<sup>m</sup>,50 de largura do lado N. e 2<sup>m</sup> do lado S., contendo ossos de animais e poucos cacos (*Fig. 1, F*).

A 9 de Julho diz:

«A grande camada incendiada vai-se estendendo para os lados à maneira que vamos alargando a «praça» (18).

A zona mais rica de espólio, este ano, é a que fica do lado oriental do morro.

---

(17) Afonso do Paço (em publicação na Academia Portuguesa da História) — *Castro de Vila Nova de S. Pedro: VII — Sementes pré-históricas.*

(18) Na gíria dos trabalhadores chamou-se «praça» a uma espécie de largo que a escavação deste ano criou dentro do morro.

Segundo um esquema constante do diário, a camada estratigráfica de cinzas e barros queimados atingia no local das sementes 0<sup>m</sup>,25, havendo por cima 1<sup>m</sup>,20 de terras e pedras, ainda com algum espólio. Do lado esquerdo a altura de terras por sobre a camada estratigráfica elevava-se a 1<sup>m</sup>,50, apresentando o terreno declive no sentido W-E.

Na manhã de 12 de Julho, Jalhay retirou-se para Lisboa, chegando nós a Vila Nova por volta das 10 horas (19).

Nada de anormal registamos no diário deste dia quanto à escavação. O ritmo de objectos foi bastante menor, predominando o campaniforme, em nível que não pudemos fixar, escrevendo depois de ver o conjunto do espólio que este vaso «parece ser uma característica dominante desta campanha».

No dia seguinte, domingo, fizemos um reconhecimento arqueológico a um morro denominado «Monte encarnado» ou «Monte carnal», como às vezes diz o Povo. Fica para os lados da Quinta da Matinha. Apenas recolhi num local onde se procedia a escavação de areias, uma cerâmica muito primitiva, que poderia muito bem ser neolítica. Cabaço, que se interessava por este reconhecimento, diz que utilizara o «pêndulo» para a sua determinação.

Muita gente veio pedir-nos trabalho, atenta a grave crise que atravessam os campos, mas não foi possível admitir mais ninguém. Já havia ao todo na escavação 13 homens e 16 mulheres.

Na manhã de 14 regressou Jalhay de Lisboa, onde fora passar o dia do aniversário com a sua comunidade e nessa mesma tarde recolhemos nós aos nossos serviços militares.

Do lado oriental da escavação começou a desenhar-se uma cavidade que depois se verificou ser um grande silo com 3<sup>m</sup> de abertura de boca.

---

(19) Vieram connosco, de visita às escavações, o Dr. José Formosinho e Abel Viana.

A 1<sup>m</sup>,20 de profundidade havia muito barro queimado, carvões e abundância de ossos. Por baixo uma espécie de lastro de pedras soltas.

Numa camada de terras negras que ficava por cima das argamassas encontrou-se a 17 uma sovela de cobre e a 19 dois escopros da mesma substância.

A 21, à esquerda do depósito de trigos acima referido, encontraram-se mais sementes deste cereal, porém em muito menor quantidade.

Foi esta a campanha, em que se movimentou maior volume de terras, bem curiosa pelo achado de sementes de trigo e abundância de material recolhido.

Por nossa parte pode dizer-se que não chegámos a estabelecer contacto com ela nos dois dias bem incompletos que passámos junto dos operários.

\*  
\*   \*  
\*

O trigo recolhido este ano foi estudado pelo nosso colaborador para as sementes pré-históricas e acerca dele recebemos o seguinte relatório que nos apraz agradecer:

#### NOTA SOBRE O TRIGO INCARBONIZADO DO CASTRO DE VILA NOVA DE S. PEDRO

«Se bem que a presença de trigo não seja rara nos espólios arqueológicos, este cereal não constava, até 1947, da flora agrícola de Vila Nova de S. Pedro, a qual compreendia já as bolotas (possivelmente de azinheira), a fava «celtica nana», uns corpúsculos arredondados (ainda indeterminados) e o linho (que foi, sem dúvida, a descoberta mais valiosa). O trigo encontrado naquela póvoa eneolítica foi estudado principalmente através a monografia de Percival, *The Wheat Plant* (1921).

«O facto de se não tratar de cariopses involucradas exclui a hipótese de corresponderem aos *Triticum monococcum* e *Tr. dicoccum* os grãos em causa.

«Segundo Percival, e atendendo à forma do grão (carácter entretanto falível), parece pouco provável que se trate quer do *Tr. durum* quer de *Tr. turgidum*. A forma do grão põe de parte, também, a hipótese de tratar-se da var. *scythicum* do *Tr. aestivum*.

«Comparando os grãos de conformação normal, no que às dimensões diz respeito, com *Tr. aestivum* var. *antiquorum* Heer, com *Tr. compactum* var. *globiforme* Bushan, com formas mais recentes de *Tr. compactum* (Neolítico e Bronze da Suíça e do Norte da Itália) e com o *Tr. sphaerococcum* actual, verifica-se que o trigo incarbonizado de Vila Nova de S. Pedro se coloca muito próximo deste último e é ligeiramente mais curto do que o da var. *globiforme* e sobretudo menos largo de que os grãos desta variedade:

	Dimensões em milímetros		
	Comprimento	Largura	Espessura
1. <i>Tr. compactum</i> (Neolítico e Bronze da Suíça e Norte de Itália) . . . . .	5.5-7.0	3.0-4.5	—
2. <i>Tr. aestivum</i> var. <i>antiquorum</i> . . . . .	5	3.5	—
3. <i>Tr. compactum</i> var. <i>globiforme</i> . . . . .	4.6	3.4	3.0-3.3
4. <i>Tr. sphaerococcum</i> (actual) . . . . .	4.0-5.5	3.0-3.7	3.0-3.7
5. Trigo de Vila Nova de S. Pedro (*) . . . . .	4.3	2.9	2.9

(\*) Tomada não a média mas sim o valor da classe mais frequente.  
Medidas realizadas com um compasso Palmer até as centésimas de mm.

«Expressivas são também as relações destes valores:

	c	l/c	e/c
<i>Tr. compactum</i> var. <i>globiforme</i> . . . . .	100	74	65-71
<i>Tr. sphaerococcum</i> . . . . .	100	67-75	67-75
Trigo de Vila Nova de S. Pedro . . . . .	100	67	67

«A comparação é apresentada com reserva pois que é feita entre grãos incarbonizados e grãos frescos de *Tr. sphaerococcum*. Entretanto, as relações entre o comprimento e largura e espessura podem atenuar causas de erro provindo das condições de comparação.

«Parece poder concluir-se que se trata de uma forma de trigo que, a não se enquadrar na variedade *globiforme*, lhe é muito afim, talvez ligeiramente mais evoluída (dado o relativo estreitamento do grão), mais próxima já do *Tr. sphaerococcum* actual, com o qual, aliás, Percival diz aquela variedade assemelhar-se mais.»

Janeiro de 1950.

Revista em Maio de 1953.

(a) *A. R. Pinto da Silva.*»

### CAMPANHA DE 1948

Subsidiada pela Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais com 15.000\$00, teve início a 30 de Junho e terminou a 28 de Julho, havendo 25 dias de trabalho útil. Realizou-se numa cunha que ficava a N. das

escavações dos anos findos (*Fig. 1*), e no princípio, removendo-se terras e pedras da parte superior, não foram apreciáveis os seus resultados. Contudo há a anotação de que o espólio só aparecia principalmente nas camadas mais baixas, havendo entre ele objectos metálicos.

Assistimos aos trabalhos dos quatro primeiros dias, recolhendo depois a Lisboa.

A 6 de Julho diz o diário que se encontrou um novo silo e ao pé:

«2 camadas de cinzas, sendo a inferior de notável altura. Eram tantos os carvões e cinzas que hoje apareceram, que os trabalhadores começaram a dizer que tinha aparecido uma chaminé.»

A 8 de Julho, começando a escavar-se uma zona à esquerda, próximo da cisterna encontrada em 1944, diz Jalhay:

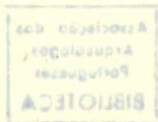
«À esquerda do sector que se está a escavar, que olha, para o poente, nota-se já muita argamassa, à maneira que nos aproximamos do antigo poço-cisterna (?). Esta argamassa encerra muita fauna e poucos objectos.»

Transcrevemos esta observação, por o local indicado ser aquele em que na campanha de 1952 se encontrou um forno de cozer cerâmica.

No dia 9, o corte dos terrenos apresentava a seguinte constituição:

- a) camada superficial de humus;
- b) camada de argamassa e pedras;
- c) camada de cinzas;
- d) camada de argamassa e pedras;
- e) camada inferior de cinzas.

Esta última é a camada estratigráfica dos primeiros habitantes.



Depois, a zona de pedras e argamassas, corresponde a uma destruição de muralhas.

Por fim um estrato de habitação sobre as ruínas referidas. Este estrato, bem como o inferior, é que teria sido de uma grande vantagem definir perfeitamente, se as condições de jazida o tivessem permitido. Uma pequena amostra aqui e além não era suficiente.

Contudo, há a referência de no estrato superior se encontrarem objectos metálicos.

Diz-se também que os achados de campaniforme são mais abundantes do lado ocidental da escavação, rareando ou desaparecendo mesmo, a leste.

A 10 de Julho, pôde determinar-se o seguinte espólio do «cinzeiro inferior», isto é, primeira camada estratigráfica:

«4 placas (1 com desenho), uma bela foice inteira, 1 pequena machadinha, 1 fragmento de limonite *todo queimado* (tratado), setas lindíssimas, etc. Mas destacam-se sobretudo dois objectos raríssimos: uma agulha de osso com o seu orifício numa das extremidades, mas recurvada, e um *idolão* medonho, que mais parece um pilão de bater ou moer, mas todo de mármore e em forma de obus. Nunca encontrámos nem conhecemos coisa semelhante.»

Voltámos a Vila Nova a 12 do mês, em companhia dos sobrinhos de Jalhay, Dr.<sup>a</sup> D. Jacqueline Jalhay Saldanha de Azevedo, Engenheira D. Maria Luísa Jalhay e Dr. Manuel Saldanha de Azevedo, e lá nos demorámos até 14, dia em que recolhemos a Lisboa com Vaultier.

Neste mesmo dia identificou-se a leste um pequeno muro artificial, igual a outro que havíamos de notar em 1951 e 1952.

Diz o diário:

«Encontrou-se hoje uma muralha artificial com um cinzeiro diante, cheio de ossos, carvões, cerâmica e muitos objectos. Esse

cinzeiro sobrepõe-se à camada inferior de cinzas que se observa em todo o circuito da praça.»

A 15 acrescenta:

«O cinzeiro encontrado ontem é talvez o local mais rico do castelo, prolonga-se mais para a direita, apresentando o corte a seguinte disposição:

- 1) camada de humus;
- 2) camada artificial — 0<sup>m</sup>,70;
- 3) argamassa — 0<sup>m</sup>,40;
- 4) cinzeiro superior — 0<sup>m</sup>,30;
- 6) argila vermelha — 0<sup>m</sup>,40;
- 7) cinzeiro inferior.

É verdadeiramente fantástico o espólio encontrado em 4 (cinzeiro superior). Até às 6 horas da tarde somavam já 171 setas entre inteiras e partidas. Espátulas, punhais, uma linda cabeça torneada de alfinete, percutores, machados, enxós, uma fragmento esplêndido de caixa de osso queimado com ornatos «circulares» (*Fig. 10, n.º 11*), um fragmento cerâmico com grandes caneluras ou sulcos, certamente exótico, de cor avermelhada, um escopro de cobre, etc.

As setas encontram-se aos ninhos de 7, 10 e até 12, todas juntas. Entre elas há uma lindíssima de base convexa, com os lados todos serrilhados.

A maior parte do espólio está quase calcinado. O fogo, aqui, foi violentíssimo. Os cacos estão negros com cinzas e carvões aderidos.

À noite recolhi 269 setas.»

O fragmento cerâmico acima referido, com grandes caneluras ou sulcos curvilíneos, é curiosíssimo, certamente trazido pelos primeiros povos que viveram no castro. A pureza do barro, técnica de fabrico, etc., demonstram uma arte superior à vulgar deste povoado (*Fig. 8, n.º 3*).

A 16 o espólio aumentava:

«Além do espólio que continua a aparecer em grande abundância, tinha sido isolado um grande vaso redondo, ou melhor, de boca redonda (diâmetro 0<sup>m</sup>,35), na primeira camada de cinzas, mais ou menos a 1<sup>m</sup>,80 de profundidade. Como estava no meio das cinzas, estas impediram que a argamassa e pedras, do nível ou níveis superiores, o esmagassem. Todo o primeiro quartel se empregou em o isolar com todo o cuidado. Às 11 horas colocou-se num caixote rodeado de palha. Vai cheio de terra para examinar esta mais tarde.»

Ao todo, neste dia, recolheram-se 317 setas, entre inteiras e partidas.

Nota-se aqui, que a camada superior de estratos é mais rica em setas que a inferior, correspondendo esta aos primeiros habitantes.

A este depósito de setas de 1948, temos de adicionar um outro encontrado nas campanhas de 1951 e 1952, porém de mais reduzidas porporções <sup>(20)</sup>.

Parte do dia 17, escavando-se camadas superiores, não se encontrou, pode dizer-se, espólio, mas este manifestou-se, menos numeroso é certo, que nos dias transactos, quando se chegou à camada de cinzas que estava no seu termo. Este local, ou «cinzeiro», fora contudo rico em fragmentos das chamadas caixinhas de osso queimado, algumas com belas decorações.

---

<sup>(20)</sup> A. do Paço e M. Lourdes Arthur — ...15.ª campanha....

Já falámos de uma com desenhos circulares. Devemos agora referir outras com diversas composições reticuladas (*Fig. 10, n.ºs 5, 9, 12-14*).

O «cinzeiro» superior revelou fragmentos de campaniforme no dia 18 e a estratigrafia apresentava-se assim:

- a) camada de humus — 0<sup>m</sup>,60;
  - b) primeira camada de argamassa e pedras — 1<sup>m</sup>;
  - c) primeira camada de cinzas — 0<sup>m</sup>,30;
  - d) segunda camada de argamassa e pedras — 0<sup>m</sup>60.
- Total — 2<sup>m</sup>,50.

Por baixo ficava o estrato inferior de cinzas que assentava no tufo calcáreo.

Já não havia a parede artificial que se notara no dia 15.

A 19, continuou-se a escavação no cinzeiro superior que, a S., está limitado por entulhos e pedras. Entre eles colheu-se um fragmento de lúnula de barro.

Estes entulhos, libertos das terras que os amparavam, caíram com fragor, deixando à vista uma camada de barros por cima das cinzas.

Voltámos ainda a Vila Nova no sábado, 24 de Julho, e acompanhámos os trabalhos dos dias 26, 27 e 28, em que nada de anormal houve a registar, pois tendo-se terminado a escavação da zona com vestígios de cinzas, limitámo-nos a arrumar e limpar o terreno dos entulhos do desmoronamento e ordenar o fim da escavação para que tudo ficasse recatado para o ano seguinte.

Aproveitámos também estes dias para desenhar perfis de bordos de vasos (*Fig. 6*) e procurar nos fragmentos de cerâmica abandonados, vestígios de sementes, de que já havíamos recolhido alguns exemplares (*Fig. 7, n.ºs 24 e 25*).

No último dia de trabalhos, um avião da Base Aérea da Ota sobrevoou o castelo, tirando fotografias.



Fig. 6 — Perfis de bordos de vasos não ornamentados

A campanha deste ano, realizada numa zona menor que a transacta, foi curiosa por ter permitido constatar uma camada de estratos em nível superior ao que então se conhecia, com grande abundância de material, muito dele trabalhado com esmero.

### CAMPANHA DE 1949

Para a 13.<sup>a</sup> campanha de escavações recebemos 19.000\$00 da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.

Começamos os trabalhos a 27 de Junho, terminando a 26 de Julho, depois de 26 dias úteis (21).

Diz o diário:

«O plano de escavações, ao princípio, foi o seguinte: cavar um determinado local, alargando-o, sobretudo, em vez de aprofundar, para assim podermos ajuizar das diferentes camadas de pedras que se notam no corte do terreno. Assim se fez numa extensão de 6<sup>m</sup>,80 por 4<sup>m</sup>.»

Limpou-se de início a capa superior ali acumulada desde os primeiros trabalhos de Cabaço e que tinha de espessura 0<sup>m</sup>,2, ficando-lhe por baixo outros 0<sup>m</sup>,2 de terras negras com pedras. A seguir havia uma boa espessura de argamassa e pedras que a charrua tinha poupado.

Logo ao de cima desta, ao recolher-se a primeira capa para os crivos, encontrou-se um conjunto curioso constituído por um belo machado argárico, um escopro e uma cavilha, tudo metálico.

---

(21) Por motivos de saúde, Jalhay não escreveu as últimas páginas do diário, e foi bem parco em comentários desde 15 de Julho em diante.

O machado, foi em 1951 analisado pelo Laboratório Nacional de Engenharia Civil, que dele nos disse:

«É de bronze e tem seguinte composição:

Estanho	— 10,38
Cobre	— 87,93
Zinco	— 0,48
Chumbo	— 0,32
Ferro	— 0,28

Neste instrumento, o teor do estanho encontrado, é ainda normal hoje, pois só nos bronzes especiais ele é, total ou parcialmente, substituído por alumínio, chumbo, zinco, etc.

No bronze analisado os restantes metais existem como impurezas e não certamente como adição intencional» (22).

Na própria tarde de 27 tivemos que recolher a Lisboa, ficando Jalhay sòzinho na direcção dos trabalhos.

O local escolhido, a que acima se fez referência, ficava do lado de fora do morro, em frente da escavação de 1946 (*Fig. 1*) e tinha como finalidade o reconhecimento exterior da muralha.

Veio a cair-se sobre uma zona de argamassa e pedras, o que levou Jalhay mais tarde a abandonar o local e escolher outro. Contudo, não deixou de observar que por debaixo dessa camada de 1<sup>m</sup>,15 de altura, existia uma outra de cinzas e terras calcinadas, com a espessura de 0<sup>m</sup>,4, o nível estratigráfico dos primitivos habitantes.

---

(22) Afonso do Paço e Maria de Lourdes Costa Arthur — *Castro de Vila Nova de S. Pedro: II — Alguns objectos metálicos*. «Zephyrus», III, Salamanca, 1952.

Analisados estes factos à luz dos conhecimentos obtidos nas campanhas de 1951 e 1952, concluímos que as muralhas destruídas talvez por um povo invasor, não teriam sido reconstruídas, antes se aplainou o conjunto espalhando por cima barro amassado para mais cómodo piso, e que o todo se tornou, com o tempo, argamassa resistente.

Foi por cima desta que apareceu o conjunto referido, de que fazia parte o machado argárico.

Pesquisado o bronze em vários elementos metálicos deste castro, ainda não foi possível constatar a sua existência noutros objectos ou escórias de fundição.

Sobre tão delicado assunto não nos podemos pronunciar com toda a segurança. Aguardemos que o Laboratório Nacional de Engenharia Civil realize uma boa série de análises, capazes de nos dar luz sobre tais questões.

Contudo, já nas primeiras campanhas, e do lado de fora do morro, se tinham encontrado duas pontas de flecha metálicas providas de longo espigão, uma das quais corroída <sup>(23)</sup>, muito semelhantes a outras recolhidas em Espanha por Juan Cabré, em estações argáricas da província de Ávila <sup>(24)</sup>.

Teremos assim, e dizemos isto enquanto não houver do facto certeza absoluta, povos argáricos ou portadores de objectos argáricos, de passagem sobre as muralhas e que aí viveram depois da sua destruição.

A 28 de Junho observa Jalhay, no diário, que uma fiada de pedras que apareceu não tem aspecto intencional.

---

<sup>(23)</sup> Afonso do Paço e Eugénio Jalhay — *A póvoa eneolítica...* «Brotéria», XXVIII e XXIX, Lisboa, 1939, fig. 28.

<sup>(24)</sup> Juan Cabré Aguiló — *Instrumentos tallados en cuarcita en el argárico de la provincia de Avila*. «Sociedade Española de Antropologia, Etnografia y Prehistoria», Memória XCI, tomo X, Madrid, 1931, fig. 9.

E a 1 de Julho:

«A escavação, embora sem espólio, deixou identificar dois fragmentos de muro ou parede, paralelos. A tal feira de pedras, sem argamassa, parece ser uma parede exterior, separada de outra mais interior e paralela, uns 40 a 50 centímetros. A parede interior é mais rija e feita com barro amassado.»

Somos de parecer que esta orla de duas paredes mais baixas, é a continuação das encontradas em 1945 e 1946. Trabalhando-se numa zona de muralha, o espólio era quase nulo, e diàriamente «cabia numa caixa de fósforos».

Voltámos a Vila Nova ao fim da tarde de 1 de Julho, e no dia seguinte reuniu conselho para deliberar sobre a passagem de parte do pessoal para dentro do morro, operação que ficou adiada para o dia 4, segunda-feira.

Voltámos para Lisboa na tarde de 3.

A zona de trabalhos no interior do morro, era continuação da de 1948 e portanto riquíssima em espólio. Diz Jalhay:

«Começaram a aparecer tantos cacos, ossos e instrumentos que tivemos de passar para lá mais crivos no segundo quartel... A camada de cinzas que aí se vê é interessantíssima. Atesta bem povoação incendiada e não simples lareira ou fundo de cabana. O espólio à noite abrangia vários pés de fogareiro (?), cerâmica campaniforme, machados e percutores esféricos, lâminas, setas (uma serrilhada) e principalmente um lindo punhal de osso, inteiro, terrivelmente ponteagudo (*Fig. 10, n.º 2*). Há muitos instrumentos de osso dentro da zona de cinzas.»

A 6 de Julho há um gráfico do sector exterior que apresenta a seguinte disposição:

- a) terra das peneiragens e reconhecimentos de H. Cabaço;
- b) camada de humus com terras negras e pedras;
- c) camada de argamassa;
- d) camada superior de cinzas, etc., isto é, uma camada estratigráfica;
- e) camada de argamassas;
- g) camada inferior de cinzas, correspondente aos primeiros habitantes.

Este local deu um espólio curioso, contendo muitas setas em fabrico e uma bobine de barro. «Parece que estamos numa oficina», conclui Jalhay.

O local afundava um pouco, de maneira idêntica à que se observara na escavação de 1946.

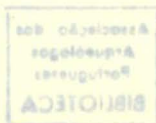
No dia 8, no interior, confirmava-se mais uma vez a existência de duas camadas estratigráficas.

Ao entardecer deste dia voltámos a Vila Nova, onde nos demoramos até 10.

No sábado, 9, apareceram algumas:

«sementes de fava, bastantes fragmentos de vasos altos a que chamam *copos*, alisadores e punções de osso, raspadores e lâminas de sílex, um lindo pedaço de cerâmica decorada com dentes e espinha, duas setas pequenas, machados, etc.».

Estes *copos* são vasos de fundo ligeiramente abaulado, e de paredes verticais abrindo docemente em tulipa. Têm uma decoração curiosa, espécie de brunido muito ligeiro, executado com instrumento rombo. Difere esta cerâmica totalmente, na sua decoração, da incisa ou excisa.



A capa escavada neste dia era a inferior, correspondente ao primeiro estrato.

É curioso anotar que nas campanhas de 1951 e 1952 também observámos abundância destes *copos* em idêntica camada arqueológica.

No dia 11, diz o diário que se começaram a limpar terras de um novo sector a escavar, e como sucedera no primeiro dia de trabalhos deste ano, ao chegar à camada superior de argamassa, apareceu um fragmento de machado metálico espalmado, o que levou Jalhay a escrever: «a parte superior do castro é argárica, com certeza».

É deste dia um alfinete de osso com a cabeça trabalhada em forma de pinha, no género das calcáreas de Alapraia ou S. Martinho de Sintra (*Fig. 7, n.º 10*).

No dia 12 diz Jalhay, referindo-se à zona do interior do morro:

Vamos avançando na direcção NE, escavando um riquíssimo corte de terras, que encerra duas camadas de cinzas separadas por um estrato de argamassa e de pedras. Como verificámos em 1947 e 1948, houve dois grandes incêndios nesta povoação. Foi habitada, com certeza, por gentes da cultura do bronze mediterrâneo (vaso campaniforme) e também pelas de El Argar. Tê-lo-ia sido sem solução de continuidade? A necrópole, se se descobrisse, daria solução ao problema.»

Entre o espólio deste dia há um micrólito de quartzo.

No dia 13, os operários fizeram uma pequena manifestação a Jalhay por causa do seu aniversário natalício.

Diz o diário:

«Abaixo do cinzeiro inferior o terreno afunda mais com muito e escolhido espólio. Hoje apareceu uma tigelinha inteira, bas-

tantes instrumentos de osso muito delicados e uma dezena de objectos de silex.»

Este espólio é da camada estratigráfica inferior.

Novo gráfico deste dia 13, diz que as camadas, numa espessura de 2<sup>m</sup>,80, desde a superfície até ao tufo calcáreo, mostravam a seguinte ordem:

- a) humus ou terra negra, com cerâmica grosseira;
- b) argamassa e pedras;
- c) cinzas e carvões;
- d) argamassa e pedras;
- e) cinzas e carvões.

O terreno que se afunda, e a que se chamou «grande cinzeiro», fica na camada e) e «tem dado muito cerâmica campaniforme, objectos de osso e de silex».

Esta passagem do «diário», que transcrevemos com toda a lealdade, é que vem destruir um pouco todas as observações até aqui registadas: aparecimento de campaniforme só em camadas superiores às do primeiro estrato.

Um castelo que vínhamos como que architectando, ruiu por completo.

Todavia abservações em camadas bem definidas das campanhas de 1951 e 1952, levam-nos a não abandonar o que se concluíra até ao dia 13 de Julho, e que mesmo se manteve posteriormente.

Isto faz-nos pensar que o silo ora descoberto, tivesse sido obra dos povos do vaso campaniforme e então teria explicação natural o registo do diário. Mas infelizmente nada podemos asseverar com garantias de veracidade.

Ao entardecer de 15 voltámos a Vila Nova, Jalhay teve que ausentar-se para Lisboa em 17 e 18, donde voltou na tarde deste último dia, recolhendo nós nessa ocasião aos afazeres militares.

A tarde de domingo, 17, foi aproveitada para fazer reconhecimentos num cabeço a ocidente de Vila Nova, chamado *Rico Lugar*, onde nos disseram que em tempos idos tinham aparecido indústrias semelhantes às do nosso castro. Nada conseguimos encontrar, pois os terrenos tinham sido aproveitados para culturas e outras obras.

Na parte superior do dito *Rico Lugar* colhemos uma faixita de sílex e vimos uma boa cisterna cheia de terra onde viceja uma figueira, bem como ruínas de uma capela e casas que denotam ter pertencido a gente abastada, mas de que se perdeu por completo a lembrança entre os habitantes de hoje.

No dia 20 mandou a Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais proceder a um levantamento topográfico do castro.

A 22 fala-se de nova visita do Dr. George Leisner e de sua Esposa D. Vera, acrescentando:

«Algumas opiniões dos dois: «No castelo houve duas povoações incendiadas, segundo parece, da mesma cultura, separadas por um *hiatus* de tempo.» «O machado argárico encontrado no primeiro dia das escavações é o mais argárico que eles conhecem, mesmo de El Argar.» «A necrópole só por acaso se descobrirá, talvez ao plantar uma cepa.»

Baseados em observações posteriores, podemos agora dizer que as cinzas dos incêndios, que ninguém contesta que os tivesse havido, são restos bem espessos de longa habitação de povos que viveram no castelo. Quanto a *hiatus*, não há capa de terras negras entre os diferentes estratos que nos permita, pelo menos na presente ocasião, pensar na sua existência.

Voltámos a Vila Nova ao anoitecer de 22, sexta-feira, e lá nos demorámos até segunda-feira de manhã, data em que partimos para Lisboa.

O cansaço e a saúde um pouco abalada de Jalhay, manifestam-se na escuraturação do diário, que é bem lacónico.

A 25 diz que o pessoal começou a trabalhar principalmente na zona em que há anos tinha aparecido trigo, tendo-se recolhido agora bastantes sementes, pés de fogareiro (um dos quais decorado) (*Fig. 10, n.º 1*), lâminas de sílex, etc.

### CAMPANHA DE 1950

Subsidiada com 9.500\$00 pela Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, começou a 3 de Julho e findou a 29 do mesmo mês, tendo-se trabalhado 23 dias úteis.

O «diário» deste ano não nos conta grandes coisas, pois Jalhay apenas tomou escassas notas num livrito que o acompanhava, as quais lhe serviam de base para a redacção definitiva que costumava fazer ao fim da tarde ou antes do jantar.

Escolheu-se o sector a escavar a Norte do morro central (*Fig. 1*). Limpámos no primeiro dia de vegetação e de pedras que ali se acumulavam, uma faixa de 11<sup>m</sup>,50 de comprimento por 2<sup>m</sup> de largura, num corte que apresentava a seguinte distribuição;

- A) zona de terras negras e pedras;
- B) zona de pedras soltas e terras mais claras, irregular, pois tinha nos extremos altura diferente da do meio;
- C) zona de argamassas;
- D) cinzeiro superior;
- E) zona de argamassas;
- F) cinzeiro inferior, assente sobre o tufo calcáreo.

A camada A), de 0<sup>m</sup>,40, deu escasso espólio, de que fazia parte uma sovela metálica.

Iniciados os trabalhos, voltámos na tarde de 3 para Lisboa.

As trovoadas dos primeiros dias, a impossibilidade de descansar a maior parte das noites, o intenso calor e a falta de saúde, criaram em Jalhay uma depressão moral e física que muito havia de contribuir para o desfecho trágico de 30 de Novembro.

Nos dias 6, 7 e 8 trabalhou-se na camada B), que como dissemos era irregular, pois tinha nos extremos 0<sup>m</sup>,35 de espessura e a meio 1<sup>m</sup>,40.

O diário regista os seguintes achados nesta camada: sovelas de cobre, contas e vários objectos de osso, algumas setas de base côncava, machados polidos, percutores, fragmentos de cilindros de calcáreo e de recipientes de osso queimado, cerâmica raramente decorada, com simples traços horizontais incisos, ausência total de campaniforme ou qualquer desenho pontilhado. De 10 a 12 escavou-se a camada C), de argamassas, que depois se verificou conterem no meio um cinzeiro e algumas pedras dispostas sem posição definida.

Este cinzeiro deu curioso espólio: umas dezenas de setas, entre as quais uma de tipo «Torre Eiffel», semelhante a outras que encontrámos em 1951 nas camadas mais baixas, um serrote metálico <sup>(25)</sup>, cerâmica com ornatos de linhas paralelas às vezes conjugadas com enxadrezados, fragmentos de bordos com mamilos (*Fig. 9, n.º 1*), faquitas de sílex, algumas contas de osso, um machado de pedra polida, fragmentos de cilindros de calcáreo e várias sementes de fava (*celtica nana*).

Continuou neste local a ausência de campaniforme ou cerâmica pontilhada.

Nestas camadas superiores nota-se uma grande escassez de objectos, mesmo de cerâmicas não decoradas, de ossos de animais, de lascas de sílex, etc., factos estes que parecem revelar uma pequena densidade de gentes e mesmo habitação pouco prolongada.

---

(25) A. do Paço e M. Lourdes Arthur — ...II — *Alguns objectos metálicos...*

Uma ligeira continuação deste cinzeiro, que ainda encontrámos em 1952, deu-nos um machado espalmado que parece ser de cobre (<sup>26</sup>), fragmentos de cilindros de calcáreo, um dos quais de grandes dimensões, e tigelinhas de barro.

Nos dias 12 e 13 começou a escavar-se um sector à direita do antecedente, que apresentava visíveis os seguintes estratos: terras negras e pedras, pedra solta e terra esbranquiçada, argamassas e cinzeiro.

As duas camadas superiores mostraram-se, como sempre, quase estéreis.

As seguintes, escavadas a 14 e 15, quase se confundiam às vezes, tão ténues eram as argamassas. Debaixo de algumas pedras notava-se cerâmica esborrachada e ainda coberta exteriormente de fuligem.

Encontramo-nos pois, já deste lado, sobre o estrato inferior. Entre as setas há algumas mitraeformes, aparecem os chamados *copos*, tal qual se observou em 1951 e 1952 em camadas definidas.

Estes *copos*, como dissemos contêm ornamentações brunidas.

Até ao fim da campanha, apenas pudemos vir a Vila Nova nas sextas-feiras à noite, recolhendo a Lisboa no fim da tarde de domingo. Praticamente só acompanhámos as escavações durante os sábados, o que não nos permitia um contacto directo com o decorrer dos trabalhos.

Na semana de 17 a 22, à esquerda do sector, escavando-se já as camadas inferiores, encontrou-se uma goiva, setas, lâminas de sílex e algumas favas, sementes estas que fizeram a sua aparição, aqui e além, até o fim da campanha. Os costumados objectos de osso e cerâmica com sulcos paralelos. Como novidade, há apenas num fragmento de barro uma decoração constituída por semicírculos concêntricos, coisa que Childe considera anterior ao campaniforme (*Fig. 9, n.º 10*).

No dia 21 acompanharam-nos a Vila Nova os esposos Leisner, com

---

(<sup>26</sup>) Em breve será feita a sua análise química.

quem fizemos, no caminho da Torre, sondagens à procura do cemitério, as quais, como sempre, resultaram infrutíferas.

No dia 24 completou-se a escavação da camada inferior e do silo descoberto na última campanha. Manteve-se o mesmo espólio e entre ele os tão característicos *copos*.

A 25 abriu-se nova trincheira que, como de costume, foi de rendimento quase nulo nos primeiros dias.

Numa camada de cinzas que se divisou junto das argamassas e que fora escavada nos dias 26 e 27, recolheu-se um frasco cilíndrico de calcáreo, sem decoração é certo, mas que é uma das peças curiosas deste castro (*Fig. 10, n.º 3*).

Nos dias 28 e 29, que estivemos em Vila Nova, dispusemos as coisas para que tudo ficasse em ordem e bem acomodado para o ano seguinte.

No dia 30 recolhemos a Lisboa, estando Jalhay muito cansado e deprimido, sendo frequentes nele aquelas frases que depois com mais insistência repetia em Sanfins, e que estávamos longe de julgar fossem longínquo dobre de finados: «Já não posso mais. Estou velho para isto. É o último ano que cá venho.»

Que as gerações que vierem depois de nós para as lides arqueológicas, certamente menos ingratas que as dos tempos inglórios de hoje, tenham um pensamento de carinho para este sacerdote e pré-historiador, funções que sempre aliou na sua vida, pois todos os trabalhos eram orientados sob o pensamento divisa da ordem a que pertencia: «Ad majorem Dei gloriam».

\*

\* \*

Que poderíamos dizer de considerações finais e cronológicas?

No estado actual das escavações, em que pretendemos agarrar pelos cabelos uns restos de estratigrafia que nos possam dar ténue luz na noite

escura da vida e evolução deste castro, dizer coisas sem bases sólidas, seria, a nosso ver, estulta pretensão.

Do que pudemos observar por uma frincha, já se disse algo na descrição da campanha de 1951, e mais alguma coisa virá a lume ao relatar-se a de 1952.

Terminamos este despretençioso relato com as palavras que Jalhay costumava escrever ao encerrar o diário de uma escavação:

LAUS DEO

Desenhos do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Mário de Sá, da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. Fotografias da casa Bertrand (Irmãos). A gravura da Fig. 6 foi gentilmente cedida pelo «Instituto de Coimbra» e fizera parte do trabalho de Afonso do Paço e Maria de Lourdes Costa Arthur *Castro de Vila Nova de S. Pedro: III — Perfis de bordos de vasos não ornamentados*, «O Instituto», vol. 115, Coimbra, 1952. A todos os nossos agradecimentos.



Fig. 7 — N.<sup>os</sup> 1-7, 9, 12-17 — Cunhos, furadores, cabos e alfinetes de osso; 8 — Fragmento de cilindro de calcáreo; 10 — Cabeça de alfinete em forma de «pinha»; 11 — Conta esverdeada; 18, 20-23, 26, 27 — Fragmentos de vasos ornamentados; 19 — Fragmento de placa de xisto; 24, 25 — Fragmentos de cerâmica com impressão de sementes.

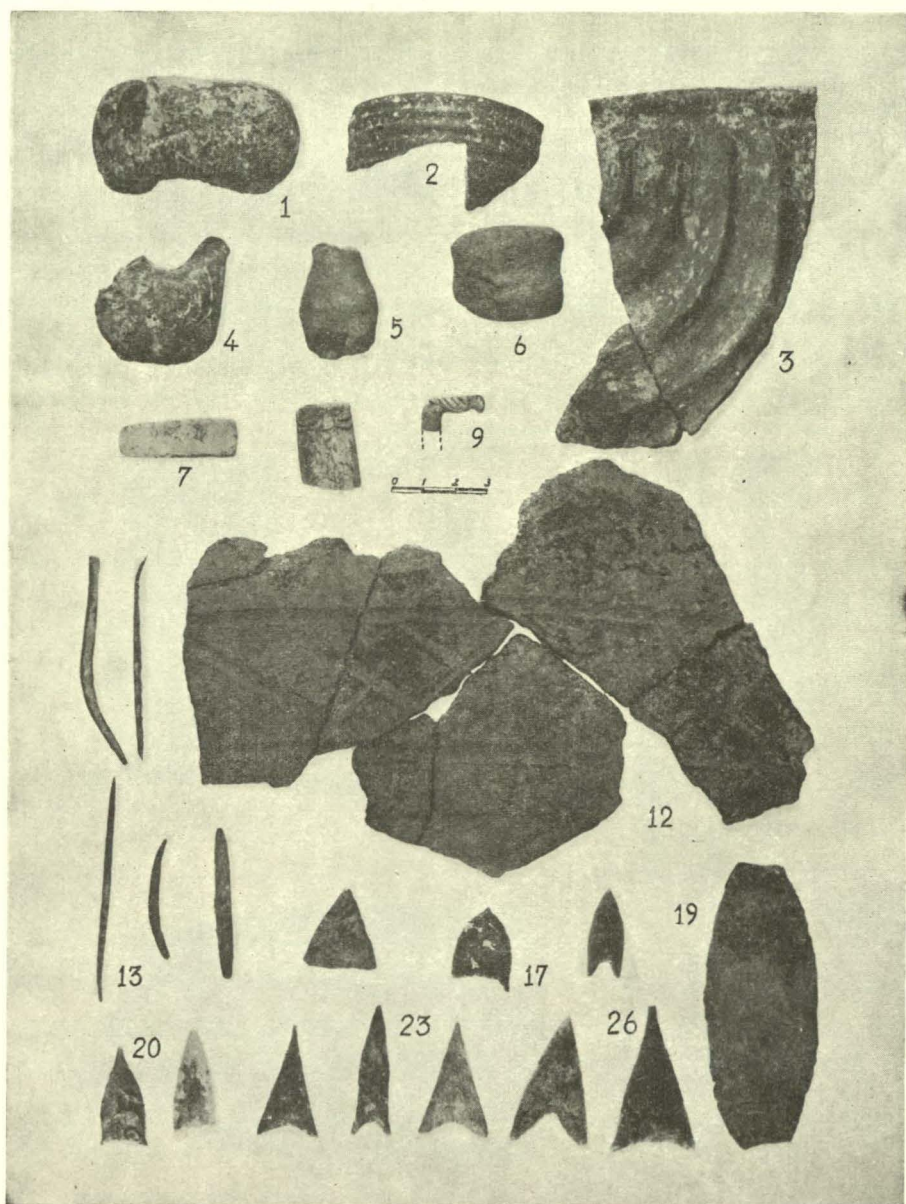


Fig. 8 — N.º 1 — Figura de animal? 2 — Fragmento de vaso cilíndrico, avermelhado, proveniente do estrato inferior; 3 — Fragmento de outro vaso avermelhado, do mesmo estrato; 4 — Fragmento de figura zoomorfa. Um felídeo? 5 — Torso feminino; 6 — Bobine; 7-8 — Placa e cilindro de calcáreo; 9 — Cabeça de alfinete em forma de ave; 10, 11, 13-15 — Agulhas e sovelas de cobre; 12 — Fragmento de vaso ornamentado; 16-18 e 20-26 — Pontas de seta; 19 — Lança ou foicinha.

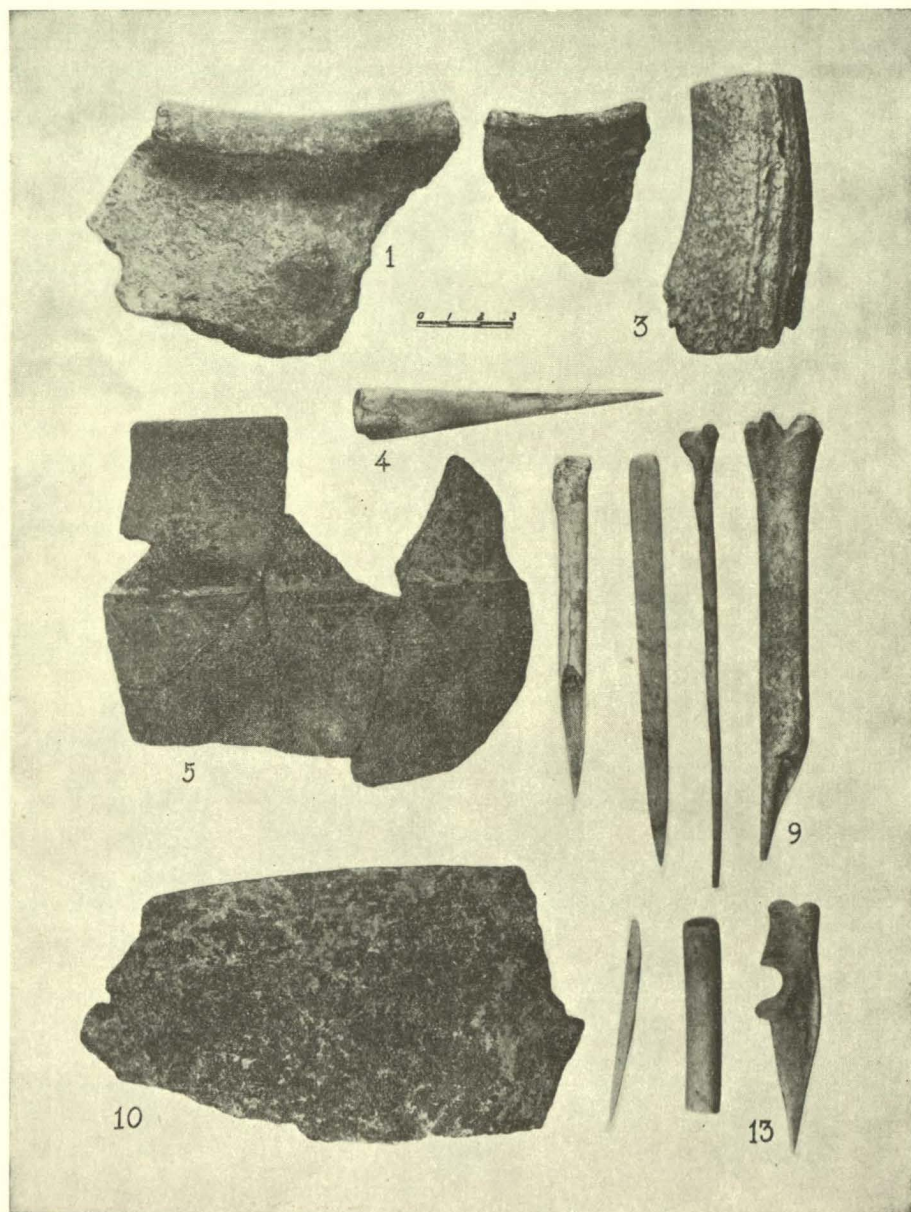


Fig. 9 — N.º 1 — Fragmento de vaso com mamilo; 2, 5 — Fragmentos de cerâmica desenhada; 3 — Cabo de chifre de cervídeo; 4, 5-9, 11-13 — Vários instrumentos de osso; 10 — Fragmento de bordo com ornamentações circulares concêntricas.

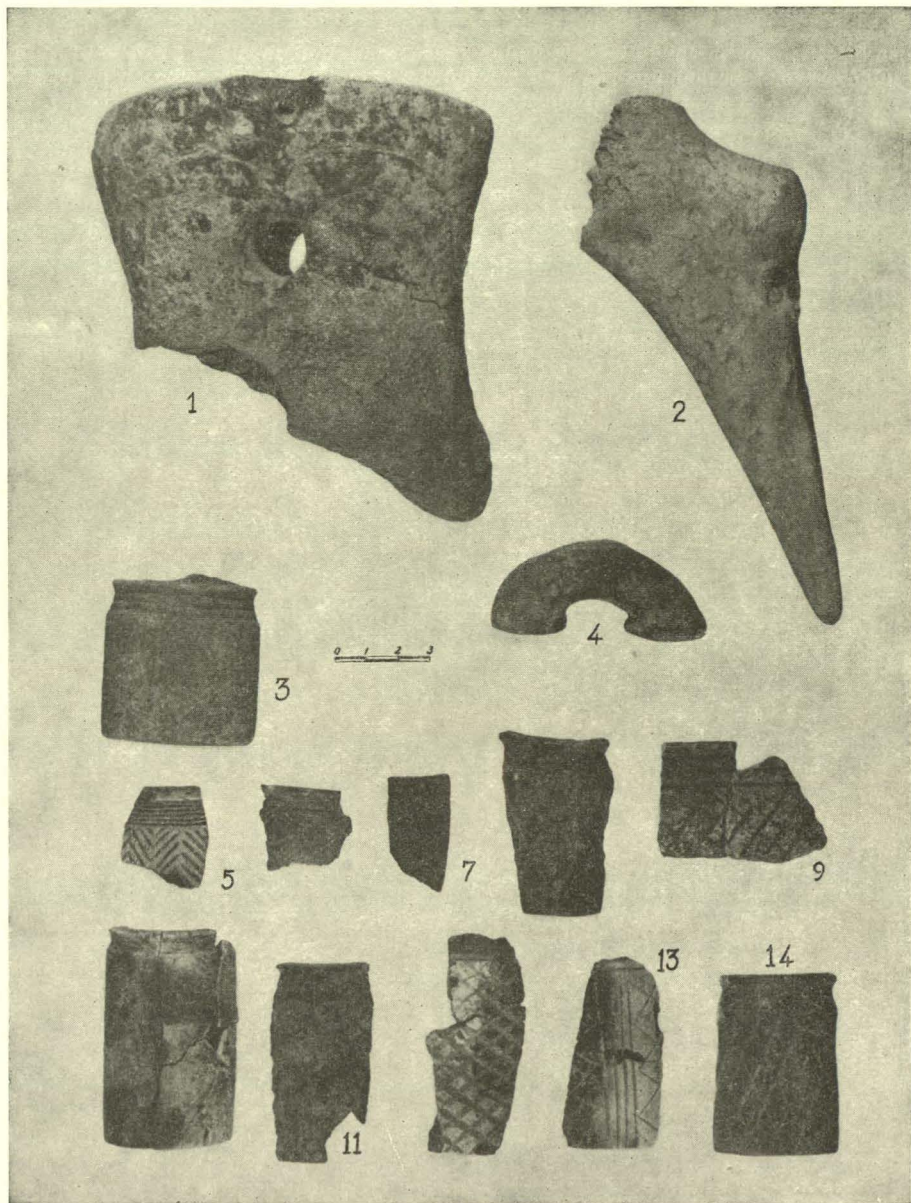


Fig. 10 — N.º 1 — Pé de fogareiro ornamentado; 2 — Punhal de osso; 3 — Vaso cilíndrico de calcáreo; 4 — Figura de animal? 5-14 — Fragmentos de vasos cilíndricos (nove de calcáreo, os restantes de osso).

O Museu da Associação dos Arqueólogos  
Portugueses

por

João Couto

Associação dos  
Arqueólogos  
Portugueses  
BIBLIOTECA

## O Museu da Associação dos Arqueólogos Portugueses <sup>(1)</sup>

**P**ARA trazer a V. Ex.<sup>as</sup> algumas considerações a respeito do Museu da Associação dos Arqueólogos Portugueses, tive de examinar — e confesso que o fiz pela primeira vez — todos os volumes das várias séries do Boletim que serviram de arquivo aos trabalhos ali efectuados.

O conhecimento de tão vasto e valioso material ensinou-me o que devem a esta douta Corporação os estudos da Arte e da Arqueologia e a obrigação que compete aos associados de a venerarem e de contribuírem para seu engrandecimento e esplendor.

São 86 anos de lutas, uma vezes vitoriosas, outras desanimadoras, mas que marcaram pela nobreza das intenções e pelos resultados alcançados.

Embora tenham sido variados os campos da actividade da Associação dos Arqueólogos Portugueses, e valiosos os trabalhos empreendidos dentro de cada um deles, parece-me não haver dúvida de que a sua maior projecção provém da existência e da importância do seu Museu.

---

(<sup>1</sup>) Palestra realizada na Associação dos Arqueólogos na noite de 8 de Novembro de 1949.

Para se compreender o que neste particular representa o valor da nossa Associação, é necessário conhecer a falta de interesse com que, na segunda metade do século XIX, eram olhados no país certos assuntos de Arte e o abandono a que relegaram um património secular.

Foi uma estagnação completa em tudo que dizia respeito à salvação dos monumentos, à criação de Museus, ao ensino das belas-artistas plásticas. Distinguiu-se apenas o trabalho dos pacientes investigadores dos arquivos.

Uma ou outra voz se fazia ouvir, mas nem as entidades oficiais nem os organismos particulares dela davam conta de forma a remediarem uma situação que conduzia à ruína dos edifícios e das obras de arte e à ignorância dos temas com elas relacionados.

É edificante ler os volumes dos Boletins desta Associação ou as actas das sessões da Academia de Belas-Artes para se aquilatar do estado a que havíamos chegado.

Ramalho Ortigão condensou um dia, e magistralmente, no seu *Culto da arte em Portugal*, a situação em que se encontrava o nosso património artístico. O livro é de 1896.

As cartas do conde de Raczinsky, de 1846, dão ideia da desorientação que muito antes reinava no campo da História e da crítica de arte portuguesa. O testemunho de um ou outro estrangeiro que nos visitava, revela até onde a ignorância e a incúria nos haviam arrastado.

No meio do triste panorama, surgem, em certo momento, um homem e uma obra: — O architecto Joaquim Possidónio Narciso da Silva e a Associação dos Architectos Portugueses, hoje Associação dos Arquelógos Portugueses, a que nos honramos de pertencer.

Para fazer face à destruição lenta, assustadora, por tantas vezes ser metódica e consciente, das nossas riquezas artísticas, Possidónio da Silva architectou um plano de salvação.

Tratava-se de impedir a ruína dos monumentos, aproveitar e arrecadar quanto deles ainda existisse e fosse testemunho do seu passado,

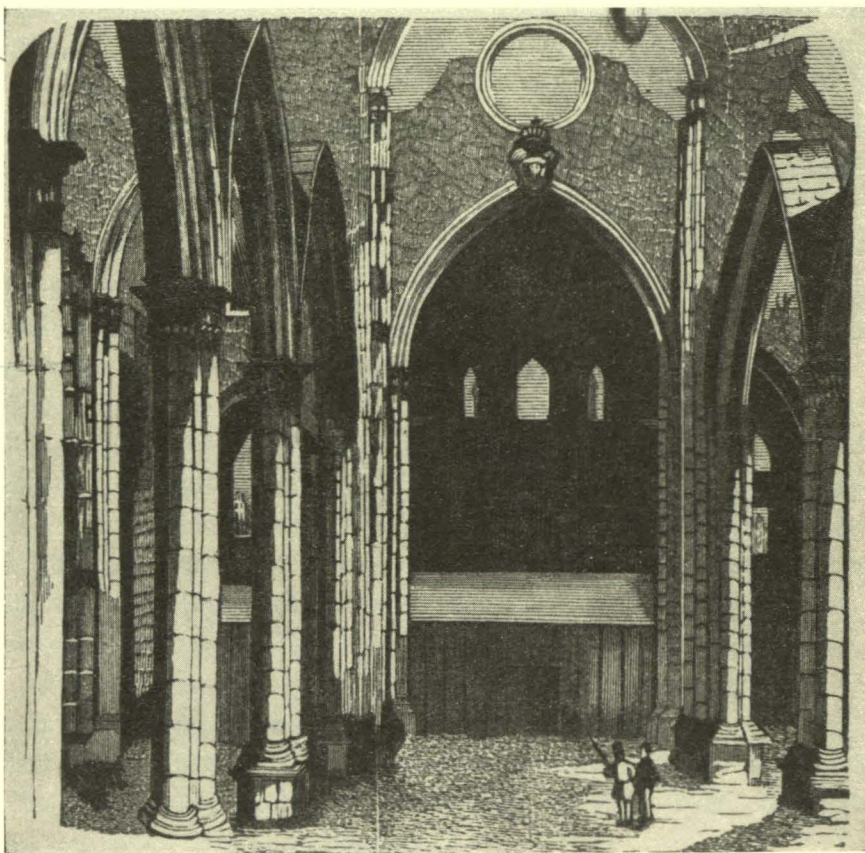


Fig. 1

*Ruínas do Carmo*  
*Aspecto antigo*  
*(1858)*

interessar na obra a colectividade ou pelo menos um escol de homens decididos e esclarecidos.

Tantas vezes, sem fundamento, é lugar comum fazer suportar pelos terramotos, pelas invasões, pelas guerras intestinas, pelas lutas políticas e religiosas e suas consequências, todos os males que subverteram os haveres artísticos da Nação.

Em 1879, Possidónio da Silva, referindo-se ao túmulo de D. Gonçalo de Sousa, hoje aqui guardado, escreve no Boletim: «Estava colocado no meio de um jazigo de alvenaria, dentro do adro da Igreja de Tomar, do lado norte; porém já a abóbada tinha abtido e as paredes laterais haviam-se desmoronado quase até à base, estando o túmulo cercado pelas ortigas, como se a Natureza quisesse ocultar à vista esta prova do vergonhoso esquecimento de tão famigerado cavaleiro».

Este exemplo, um dos muitos que se poderiam mencionar, teria servido de incitamento a este e outros pioneiros na pregação de nova cruzada.

Todos conhecemos, com maior ou menor extensão, os selvagismos praticados no decorrer das duas últimas gerações. Bom fora que na nossa já não houvesse nem um só motivo de queixumes, e que as pessoas de boa vontade deste tempo, procurassem resgatar um passado tão triste.

No meio do marasmo em que se vivia no meado do último século, o grito da Associação dos Architectos Portugueses não se perdeu e dele partiu um movimento e resultou uma obra perdurável.

Seria de desejar que alguém se ocupasse dos esforços empregados pela Associação para salvar os monumentos do País. Tudo consta das páginas das actas das suas reuniões.

E esse material não é outra coisa do que o necessário prólogo à obra, de restauro e conservação, a que o actual Governo pôs ombros, por meio de organismos competentes, à cabeça dos quais se conta a Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.

Não é porém este o escopo da minha palestra.

Nesses tempos maus, não era só necessário clamar por que se sus-

pendesse a actividade destrutiva de pessoas mal intencionadas e pouco cultas. Era necessário pôr em acção todos os meios para salvar aqueles restos que, semelhantemente a náufragos no meio de grande tempestade, se iam danificando, ou espalhando, ou perdendo em todas as terras do País.

Esta necessidade instante tertia pesado quando se pensou criar o Museu da Velha Associação dos Architectos Portugueses.

Resolvida em 1863 a fundação da Sociedade, ao princípio de Architectos, logo depois de «amadores» das Belas-Artes, em sessão de 20 de Fevereiro de 1864, se pedia ao Governo a cedência da antiga igreja do Carmo para sua sede e para ali «se recolherem os fragmentos architectónicos que forem dignos de conservação, formando-se uma colecção dos que existirem na capital e fazendo-se depois o mesmo com os que se encontrarem nas províncias em estado de abandono».

O erudito Sr. Matos Sequeira, no seu livro magistral *O Carmo e a Trindade*, já se referiu em breve passagem ao início da empresa: «Em 21 de Julho de 1864 tomava-se posse das naves até ao cruzeiro, dado que as ábsides ainda estavam servindo de estrumeira. Houve uma vistoria da Câmara em 4 de Agosto, fez-se um tapume de separação da parte occupada pelo Quartel; em Outubro, a Câmara prometeu que desafrontaria a porta, o rei D. Luís custeou do seu bolsinho os caixilhos e vidraças das capelas em 1865; houve obras nos terraços em 1866 e a nova Associação considerou-se instalada».

Também na resenha trimestral, incorporada no n.º 4 do Boletim, de Abril de 1866, se diz que o «Museu Arqueológico da Associação contava objectos importantes pelo seu merecimento artístico como pela sua antiguidade e recordação histórica; e que não só o Governo português, mas também os particulares amadores de tais preciosidades, iam contribuindo para o seu aumento». «O nosso Museu», escreve o articulista, «já hoje possui objectos arqueológicos no valor de quarenta contos».

Foi nesse momento que, segundo o testemunho de Matos Sequeira, se incorporou a janela manuelina, dos Jerónimos; a estátua de D. Maria I,

que estava nos telheiros da Ajuda; o Neptuno do chafariz do Loreto, de Machado de Castro, mandado pela Câmara; lápides brasonadas, inscrições, capitéis, etc.

Nessa altura, obedecendo ao critério que hoje informa o aproveitamento didáctico dos Museus, o presidente Joaquim Possidónio Narciso da Silva dava no Carmo lições sobre temas de Arte que, de certo modo, se relacionassem com os objectos expostos ou que servissem de introdução ao seu estudo. Assim, no inverno de 1865-66, ocupou-se da arquitectura ogival, compreendendo o período que vai do século X até ao século XIII. «Estas lições eram acompanhadas de desenhos feitos em grande escala, sendo coloridos e transparentes a fim de se poderem examinar com facilidade, visto as prelecções terem lugar durante a noite.»

Outro-sim se organizou em 1867 um mostruário de objectos, destinados a figurar em Paris, na Exposição Universal.

No ano anterior deram também entrada no Museu o busto de Afonso Henriques, valiosa antiquilha proveniente da alcáçova de Santarém; outras espécies de valor; e ainda, para elucidação dos estudantes, a reprodução do púlpito de Santa Cruz de Coimbra. O busto e esta reprodução foram pela Associação mandados ao certame da capital francesa.

Ao lado deles figuravam: «dois anjos de mármore. escultura do insigne Machado de Castro; dois altos-relevos de alabastro representando passos da Paixão de Cristo (são as esculturas de Nottingham só muito mais tarde identificadas devidamente); um festão de flores em alto relevo, obra executada em pedra, sendo o fundo marchetado de mármore de cor, que pertencia à igreja de Santo Antão, de Lisboa; uma inscrição da era de 1294, pertencente a uma igreja demolida de Coimbra e caixotes com padrões de azulejos tirados das igrejas demolidas de Lisboa.»

Esta embaixada de obras de arte teve importância no início da nossa vida associativa. Dí-lo o Sr. Conde de São Paio no seu estudo publicado na ocasião do septuagésimo quinto aniversário da fundação da Associação: «Com o intuito de se fazer conhecida e acreditada no Estrangeiro, extre-

mou entre os objectos no seu Museu recolhidos os que, mais recomendáveis por sua antiguidade e particularidades históricas, mais próprios lhe pareceram para figurarem na Exposição Universal de Paris, de 1867. E não foi baldado o seu intento, porque, neste certame, obteve a Real Associação uma medalha de cobre de grande módulo, etc.».

O *Arquivo de Architectura Civil* que nos serviu de guia na história dos primeiros e incertos tempos da fundação, terminou com o n.º 10, que tem a data de Setembro de 1867.

Em 1874, 7 anos depois, em formato mais pequeno, iniciou-se a publicação do *Boletim Architectónico e de Arqueologia da Real Associação dos Architectos Civis e Arqueólogos Portugueses*, que é apresentado por Vilhena Barbosa.

Nesta altura intensifica-se o interesse das Majestades pela instituição, pois logo em 8 de Março de 1874, D. Fernando II «em tudo benigno», no dizer do cronista, «visita o Museu Arqueológico e informa-se devidamente das particularidades de muitos objectos que nele estão guardados».

Já nesse tempo novas obras de valor tinham sido incorporadas, entre elas o aparatoso sarcófago romano, descoberto em 1868, no termo de Alcobaça.

Em 1874 a parte ocupada da igreja do Carmo já era pequena para receber o recheio do Museu. Tornava-se necessário tirar os entulhos que a obstruíam e proceder a obras. O relatório deste ano refere-se ao projecto nos seguintes termos: «Vendo o Conselho que a parte do edificio da Associação que estava coberta era insufficiente para arrecadar tamanho número de objectos que já estão depositados no Museu, sem deixar de haver o preciso espaço para se poder funcionar, quanto mais os que estão constantemente entrando, solicitou ao Governo de Sua Majestade, pelo Ministério das Obras Públicas, que fosse coberta uma parte próximo da porta de entrada, a fim de ser para ali mudada a residência do guarda, e com a casa que ele assim deixava de ocupar, ampliar-se o Museu; este pedido teve deferimento e logo foi efectuada a obra; tudo com a mesma

benignidade com que sempre por aquela Superior Repartição têm sido atendidos os nossos pedidos. Com este aumento foi ainda possível colocar devidamente os objectos existentes no Museu, pelo modo como estão em idênticos estabelecimentos em alguns países; todavia espera o Conselho que não será por muito tempo que eles estejam irregularmente amontoados, como agora se acham por falta de espaço coberto».

É esta a primeira notícia de ordem museográfica que encontro a respeito dos meios para remediar o sistema de armazenagem adoptado pela força das circunstâncias até esta data e, infelizmente, até muito tempo após ela.

Todas as colecções começam assim. Acumulam-se com entusiasmo obras de todas as espécies e de todas as categorias. Lega-se aos vindouros farto material e deixa-se-lhes também a incumbência, tantas vezes penosa, de fazer uma selecção, pondo de lado tantas coisas que, no princípio, foram estimadas e recolhidas com canseiras e aborrecimentos.

Muito claramente a este facto se refere o Sr. Machado de Faria na nota que a respeito do Museu do Carmo escreveu para a «Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira»:

«O Museu que então se abrigava apenas na Capela-mor era albergue de objectos abandonados, de peças que era preciso salvar da perda total, tudo exposto a monte e misturado, sem apartamento nem de épocas ou de materiais, nem de origens».

A criação do Museu da Associação despertou iniciativas idênticas noutras terras da província. No mesmo relatório de 1874 se dá notícia da criação do Museu Arqueológico de Santarém e lastima-se que tal procedimento tivesse impedido que viessem para Lisboa diversos objectos pertencentes à igreja de S. Domingos daquela cidade.

Não obstante, peças de merecimento iam sendo recolhidas, como por exemplo a lápida com inscrição judaica proveniente do convento das freiras de Monchique, do Porto, que deu entrada no Museu em 3 de Fevereiro de 1875.

Na sessão de 6 de Maio deste mesmo ano o Presidente Possidónio da Silva mostra-se contente com o trabalho de oito anos de vida associativa e proclama que «quando em 1866 se principiou igualmente a fundar uma colecção, mais com o intuito de salvar do vandalismo os objectos de arte antiga que se achavam abandonados pelo Reino, do que com a ambição de possuir uma completa colecção arqueológica, para o que seria mister dispor de grandes recursos, assim como de espaço conveniente para eles se agruparem por épocas e ficarem também resguardados dos rigores das estações, a Associação... obrando desinteressadamente com o fim de prestar serviços à Ciência, e também evitar a perda de antighalhas, as quais auxiliariam a formar a história artística do País, seguiu avante nessa missão difícil, sendo actualmente expostos neste Museu 1.317 objectos sem incluir as amostras de materiais».

Era assim, em resumo, o programa a que obedecia a actividade do insigne architecto.

Na mesma sessão Possidónio da Silva exhibe parte do catálogo provisório do Museu Arqueológico, «contendo 6 épocas e dividido em diferentes séries». O Conselho pede-lhe que termine o trabalho, que proceda à sua revisão e que o mande imprimir.

Do relato desta mesma sessão depreende-se ainda quanto o problema do espaço se tornava motivo de preocupações, propondo o Presidente que, para arrumar os objectos, cada vez em maior número e alguns de grandes dimensões como o sarcófago do rei D. Fernando, se pedisse ao governo um subsídio para com ele se poder cobrir uma parte do edificio e se nomeasse uma comissão, composta pelo Conselheiro Feijó, Silva Leal, José Loureiro e António Gaspar para com ele darem andamento à lembrança.

O próprio Rei protector se associava a este desiderato. Finda a sessão solene de 14 de Junho de 1876, D. Fernando, presidente honorário, passou a examinar os objectos expostos no museu e, ao despedir-se, lamentou que o monumento continuasse em ruína e que não se tivessem tirado

os entulhos, «que é vergonha vê-los dentro de semelhante edifício da capital».

Em Julho de 1877 o Museu contava 1.600 objectos. Segundo se depreende da notícia publicada no ano seguinte por José Silvestre Ribeiro, esperava-se que, além dos esforços empregados para melhorar o aspecto da igreja — «entregue a usos vis e vergonhosos» — procedendo ao desaterro das colunas, se mandassem cobrir o cruzeiro e as naves, evitando-se assim a sua ruína e permitindo que se ordenassem os objectos existentes e os que viessem a ser adquiridos. «Já ao tempo», escreve Silvestre Ribeiro, «ali estavam representadas a Numismática, a Sigilografia, a Epigrafia, a Tecnologia na parte que mais de perto interessa a Portugal».

Para ocorrer à falta de meios, começam a cobrar-se nesta altura entrada no valor de 50 réis por pessoa, nos dias santificados, e 100 réis nos restantes dias de semana. Objectivo que tinha ainda por fim levantar mais tarde um empréstimo destinado a obter o dinheiro para se cobrir parte das naves de forma a ali se poderem resguardar as espécies encorporadas.

É admirável a força de vontade e a tenaz persistência do Presidente Narciso da Silva no anseio de melhorar a casa que dirigia. Em 2 de Maio de 1879 pode dizer que «é inútil encarecer o importantíssimo melhoramento que se acabava de realizar». Finalmente, haviam sido removidos os entulhos das naves — 8.000 carroçadas. Descobriu-se a porta principal e construiu-se o adro.

Fez-se assim sobressair o aspecto do portal por se ter posto a descoberto o envasamento das colunas e parte dos fustes e facilitou-se a entrada para o Museu. Esta obra, que muito devia ter alegrado os nossos antigos confrades, foi mandada executar pelo presidente da Câmara Municipal, Rosa Araújo.

Em 1880, o Museu era já muito apreciado e segundo o testemunho de Silvestre Ribeiro, «os visitantes estrangeiros e alguns nacionais que

hão visto lá fora muitos Museus mais ricos nem por isso olham com desdém para o nosso».

Instala-se nesse ano o gabinete de leitura, no começo aberto às quintas-feiras, o qual facultava aos estudiosos obras de Belas-Artes e de Arqueologia.

E os homens de boa vontade que dirigiam a instituição, iam instintivamente formulando regras, iguais às que hoje constituem o fundamento da museografia. Assim diz o articulista que «de uma ordenada, elegante e bem disposta colocação dos objectos, resultará a grande vantagem de ofecerer à vista dos curiosos, ao exame dos entendidos, *cada coisa no lugar competente, com a separação indispensável* e em termos de fácil e cabal apreciação».

A Associação dos Arqueólogos desde o dia que entendeu dever criar e montar um museu, não mais se libertou de um caudal de sérios embaraços. Os Museus são instituições caras, que carecem de instalação adequada, de meios e de pessoal que os ame e que deles constantemente se ocupe. Muitas dessas possibilidades faltaram à nossa instituição, e por isso, durante tantos anos, apesar das ambições tantas vezes formuladas, ela se manteve com um aspecto que parecia inadmissível, mas que, justo é dizê-lo, era o de muitos museus da mesma época.

A sessão solene de Novembro de 1881 foi presidida pelo rei D. Fernando que examinou depois «os novos objectos adquiridos dando a sua esclarecida opinião acerca deles. Também as antiquilhas pré-históricas — 1.048 exemplares — foram muito apreciadas pelos eruditos estrangeiros que vieram ao Congresso de Antropologia Pré-histórica, reunido em 1880.

Obras de merecimento iam dando entrada no Museu, tais como o sarcófago de D. Fernão Sanches e, no ano de 1883, o de D. Rui de Meneses, que pertencera a uma igreja de Santarém.

O príncipe D. Carlos tornou-se por morte de D. Fernando o protector da Associação e, sob a sua presidência, se realizou no dia 24 de Outubro



Fig. 2

*Ruínas do Carmo*  
*Aspecto actual*

de 1886 a sessão em que o Marquês de Valada pronunciou o elogio fúnebre do rei artista.

Os sócios rivalizavam na tarefa de enriquecer o Museu. E ao lado das espécies mais díspares, obras de vulto surgiam uma ou outra vez, tal como sucedeu com a incorporação da estátua de S. João Nepomuceno.

No ano de 1889, em que a Associação completou 25 anos de existência, Narciso da Silva podia referir-se encomiásticamente às actividades do Museu — «às preleções que se deram; às exposições públicas, artísticas e arqueológicas, promovidas pela instituição; ao curso para o ensino de Arqueologia Pré-histórica e Histórica; à publicação do jornal e ao enriquecimento das colecções». Não obstante era grande a sua mágoa porque os objectos não estavam convenientemente expostos, podendo melindrar assim os doadores. «A impossibilidade a que nos referimos, escreve o Presidente, provém de não haver actualmente nas duas salas destinadas às vitrinas o espaço necessário para a metódica e segura disposição de todos aqueles documentos interessantíssimos à história da Humanidade; porém tal impossibilidade fàcilmente desaparecerá, convertendo em sala de museu a capela central do edifício. Para este fim torna-se indispensável transportar dali a estátua da Senhora D. Maria I, vários sarcófagos e outros monumentos, que não se deterioram ao ar livre e que podem ficar perfeitamente no sítio das naves que não têm cobertura. Contudo essa remoção e o arranjo da capela central demandam despesas, que, por mais restritas que sejam, não as permite a exiguidade do nosso cofre». O arranjo consistia em colocar o soalho, consertar portas e caixilhos e vedar as águas pluviais.

Mal se entende a incompreensão oficial diante da vontade de um homem decidido e perante uma obra que ia produzindo largos frutos. O próprio Possidónio da Silva o diz em 1890: «A fundação do Museu de Arqueologia fez com que a nação conhecesse, pela frequência dos visitantes de todo o Reino, quais eram as vantagens de se conservarem os objectos arqueológicos nacionais. Tanto foi profícua a exposição destes exemplos

arqueológicos, que depois se formaram outros museus de Arqueologia nas principais cidades de Portugal, contando-se, presentemente, mais alguns, sendo por ordem cronológica, os seguintes: o 2.º na cidade do Porto; o 3.º em Coimbra; o 4.º em Évora; o 5.º em Faro; o 6.º em Lisboa, às Janelas Verdes; o 7.º em Briteiros— citânia; o 8.º em Santarém; o 9.º em Alcobaça. Não foi portanto inútilmente que a Associação dos Architectos Civis e Archeólogos Portuguezes fundou em 1864 o Museu do Carmo; e o mesmo resultado se deverá esperar quanto ao desenvolvimento do ensino da arqueologia».

Por volta de 1894 andavam obras no edifício do Carmo e esperava-se que o Museu pudesse reabrir solenemente por ocasião das festas do Centenário da Índia.

Estas obras estavam terminadas em 1898, dois anos depois da morte de Possidónio da Silva. Segundo o *Economista*, de 16 de Outubro deste ano, «reconheceu-se que a instalação do Museu carecia de reformas fundamentais a fim de dar nova ordem e disposição aos importantes e valiosos objectos de valor artístico ou arqueológico que de todos os pontos do País lhe têm sido oferecidos».

O animador destes empreendimentos era agora o Conde de S. Januário, que obtivera a protecção do Ministro das Obras Públicas, Augusto José da Cunha.

Com a verba concedida por este titular pretendia-se melhorar as salas e tornar acesíveis os terraços da capela-mor, donde se disfruta excelente vista sobre o Tejo.

Em 1899 os trabalhos estavam quase terminados, e na sessão de 3 de Janeiro desse ano, o Visconde da Torre de Murta propunha que se dessem patronos às salas. «Assim a sala principal seria a do Condestabre, por ser o fundador do edifício; a das sessões, de D. Fernando, por ter sido um dos mais prestimosos auxiliares da Associação; a das antiguidades romanas, de André de Resende, em homenagem a um dos nossos mais eruditos antiquários; e as outras duas — uma de Possidónio da Silva,

benemérito fundador, e a outra de Afonso Domingos, um dos primeiros architectos da Batalha».

Logo no ano seguinte, 1900, as melhorias introduzidas no arranjo do Museu, permitiram que sobre ele o erudito Gabriel Pereira elaborasse um trabalho importante. O estudo intitulado *O museu arqueológico do Carmo*, abre com um ensaio histórico que termina assim:

«Últimamente, devido à influência do actual presidente, Sr. Conde de S. Januário, o Museu teve grandes melhoramentos, podendo afirmar-se que oferece um conjunto de elementos de estudo muito apreciável e uma instalação digna. Não se deve esquecer que a Associação é formada por um pequeno número de sócios, sendo por isso os seus recursos mui diminutos.»

Gabriel Pereira apresenta-nos a descrição do conteúdo de cada uma das salas e termina com os úteis índices de sete volumes do Boletim, com a lista dos retratos de architectos e arqueólogos e com várias e eruditas notas explicativas — descritivas e bibliográficas — dalgumas das espécies expostas.

Em 1901 eram conservadores do Museu o Dr. Leite de Vasconcelos e Soares O'Sullivan. Os primeiros anos do século trazem algumas preocupações, entre as quais a do problema levantado à volta da obstrução do portal Sul, devida à construção do elevador. Em 1905 debatia-se um ponto que nunca deixou de merecer o interesse da Associação e que tem de voltar a ser um dos seus motivos de combate: — incorporar a parte do quartel do Carmo que está na continuação da última capela do lado oriental.

Também nos meados daquele ano de 1901 se entabulam negociações com a Câmara Municipal, tendentes a obter o depósito das obras de arte da cidade. E alega-se que dada a forma como são organizados os inventários — descrição do objecto e consignação de sua origem e procedência — a todo o tempo eles poderão reverter para um Museu Municipal, caso a sua criação seja resolvida ou reconhecida necessária.

É deste tempo a notícia das dificuldades, expostas em sessão de 5 de Agosto de 1905, para trazer para o Carmo o túmulo de Fernão Teles de Meneses, que se encontrava nuns barracões anexos à Escola Politécnica.

Em fins de 1905, Gabriel Pereira é o primeiro Conservador do Museu e com os outros conservadores empenha-se na organização do catálogo. Encontro nesta altura uma série de notícias que mostram o interesse da Associação no sentido de ordenar e publicar o recheio do seu Museu. Assim José Queirós aceita o encargo de organizar o catálogo descritivo das peças de faiança e Artur Lamas traz à assembleia um catálogo das moedas e medalhas.

Em 1906, o comendador Guilherme João Carlos Henriques toma sobre si a obrigação de elaborar uma memória descritiva dos brasões, sarcófagos e campas. Insta-se com a secção de Architectura que eleja um ou mais dos seus membros para classificar e descrever colunas, capitéis e outras peças architectónicas.

Na sessão de 28 de Junho de 1907, Artur Lamas apresenta uma descrição das moedas árabes do Museu, havendo José Queirós trazido já parte do catálogo de azulejos (Sessão de 14 de Abril de 1908).

Esta actividade não esmorece, pois na sessão de 6 de Janeiro de 1911, o Sr. Jacinto de Bettencourt informa que o catálogo da Numismática estava feito e o da Heráldica também se concluía. E o Sr. Rosendo Carvalho insiste com as secções para catalogarem rapidamente as espécies que estiverem sob a sua alçada.

Uma ou outra vez, apesar dos cuidados havidos com a recepção dos objectos, torna-se difícil inquirir a propósito de tudo quanto lhes diz respeito. Vítor Ribeiro queixa-se de que faltam notícias essenciais para a catalogação e cita o caso de «Queirós ter lutado com inúmeras dificuldades na averiguação da origem de alguns azulejos», acrescentando que nem sempre é possível destrinçar as espécies que pertencem exclusivamente à Associação.

Por volta de 1911, os conservadores dão novo arranjo aos objectos



Fig. 3

*Museu da Associação dos Arqueólogos Portugueses*  
*Aspecto antigo (1880)*

expostos na sala das sessões e sente-se a necessidade de proceder a um salutar trabalho de selecção.

Em 1912, o Dr. Félix Alves Pereira passa a ocupar o lugar de Gabriel Pereira. Aquele investigador, tomando em conta os recursos — eternamente exíguos — da Associação, diz que se vê obrigado a reduzir a sua actividade à inventariação do Museu, pedindo-lhe o presidente, em face de tal propósito, «para apresentar um plano definitivo de reformas, que a Associação, na medida dos seus recursos, iria coadjuvando».

Mas mesmo a premeditada inventariação era difícil, pois o edifício andava outra vez em obras, destinadas a consolidar os arcos que dividem as naves. Diminuíra também o número de visitantes.

Como resultado da Exposição Olisiponense, com tanta dedicação e entusiasmo organizada por Matos Sequeira e José Queirós, esperava a Associação que no Museu se estabelecesse uma secção dedicada ao passado de Lisboa. Não era novo este objectivo, mas os votos expressos no relatório da gerência para o ano de 1913, só mais tarde vieram a efectivar-se.

O que estava já planeado era um novo arranjo do Museu a adoptar quando o certame Olisiponense tivesse terminado. Devia-se ele a Félix Alves Pereira, Mena Júnior e José Queirós.

Em 1916 parte das resoluções foi posta em prática. Aqueles sócios, auxiliados pelo architecto António do Couto e pelo Sr. José Maria Cordeiro de Sousa, fizeram remover para o interior do edifício o sarcófago do rei D. Fernando I, o de D. Fernão Sanches e um outro com figura de vulto, representando um homem barbado.

Os elementos que nos auxiliam a reconstituir alguns passos da história do Museu da Associação denunciam um facto lamentável: a abundância de planos para seu arranjo em contraste com o estado cada vez mais provisório da sua apresentação.

No relatório de 1917, ano em que teve lugar a exposição dos tapetes de Arraiolos, sob a epígrafe *museografia*, diz-se: «o problema de reorganização do nosso Museu, foi versado em quatro sessões; ele é uma das

nossas ideias predominantes e o pesadelo dos conservadores... Se se prosseguiu na catalogação em verbetes, na incorporação de novas espécies e no arranjo de certos recantos, acentua-se que «a distribuição dos objectos é bastante provisória, o que aliás não diminui o interesse do público», mas adianta-se que «para corresponder a este favor é urgente melhorar a disposição de tudo, torná-la definitiva e elaborar um catálogo que possa ser útil e instrutivo».

Em 1920 o conservador do Museu, o saudoso Coronel Garcez Teixeira, continuava a insistir pela publicação do inventário e do catálogo, esclarecendo que neste ano se lançaram as bases gerais do método a seguir. Aproveitando a «copiosa recolha de elementos dispersos no arquivo» feito por Alves Pereira, bem como o trabalho sobre brasões de Afonso de Dornelas, foi possível iniciar um estudo sistemático do qual resultou a inventariação definitiva de 288 objectos, 99 com números do catálogo de 1891, e 179 com números novos».

Só em 1922 se organizou em duas salas a secção da cidade de Lisboa, patrocinada pela Câmara Municipal, inaugurada pelo Presidente da República e dirigida em primeira mão pelo eminente olisipógrafo, Eng.º Vieira da Silva.

Em 1923 melhoram-se as instalações do Museu; «pintam-se alguns armários; dispõem-se com ordem alguns azulejos; coloca-se convenientemente a lápida indiana, adquirida em 1922; altera-se a arrumação de alguns objectos tanto nas salas como nos móveis, de maneira a dar-lhes maior realce; e armam-se os cruzeiros da Ajuda de 1909 e do hospital de S. Lázaro e o túmulo medieval desta última procedência».

Um dos novos conservadores, o Sr. José Maria Cordeiro de Sousa, iniciou, como subsídio para o catálogo, o estudo das pedras epigrafadas do Museu.

No relatório de 1924 menciona-se que se começaram a arrumar, mais uma vez definitivamente (!), os objectos lapidares nas capelas laterais das naves.

A mesma vontade legítima de agir e também a mesma carência de planos, provocam este constante vai-vém das espécies, esta instabilidade de critérios. Leio no relatório do Sr. Cordeiro de Sousa, referente ao ano de 1925-26, o seguinte:

«Foi encarregado o conservador-eleito pela secção de Arqueologia Histórica, para, de acordo com os conservadores eleitos pelas outras secções, proceder a nova arrumação e catalogação das obras expostas no Museu, trabalho que se encontra bastante adiantado, tendo-se dado nova disposição aos objectos da época lusitano-romana, retirando-se outros a que se não atribuiu bastante merecimento para figurar e pondo-se em evidência alguns que, apesar do seu valor, passavam despercebidos entre a desordem em que estavam algumas das vidraceiras e que dava ao Museu o vergonhoso aspecto de velha Feira da Ladra. Esta arrumação ainda será demorada, dada a falta de tempo e as dificuldades por que está passando a Associação, mas o catálogo, ou antes o inventário, ir-se-á organizando metódicamente, e dentro do tempo que for possível dedicar a esse trabalho».

Também a leitura do relatório do Conservador de Arqueologia Pré-histórica, Prof. Joaquim Fontes, para o ano de 1926-1927, sendo um queixume, levanta uma ponta do véu quanto aos arranjos e desarranjos do Museu.

Esta valiosa secção, melhorada, bem exposta e devidamente catalogada nessa altura, passou a desempenhar o papel que o público interessado dela esperava.

No relatório optimista do Secretário Geral Sr. Conde de São Paio, do ano associativo de 1930-31, diz-se que o «Museu continua na mesma conservação e arrumação em que se tem mantido, sendo para lamentar que as razões apontadas quanto a deficiência do catálogo da Biblioteca, se mantenham para explicar a não existência ainda do catálogo completo da sua parte principal — a da Arqueologia Histórica». E lastima-se também que não se tivesse publicado a guia da visita.

Coincide aproximadamente com a data desta última citação, a minha entrada para sócio desta casa. Detenho-me pois aqui na evocação da vida passada e movimentada do nosso Museu.

Não deixarei porém de dizer uma palavra a respeito do último e notável passo dado a seu favor. Mais de 80 anos de esforços porfiados e honestos tornaram possível concitar o interesse dos poderes públicos pela nossa Associação e nos últimos tempos, graças à boa vontade do Governo, especialmente do Sr. Ministro das Obras Públicas e do Director Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, mais uma vez se melhorou o edificio e o museu.

Grandes beneficiações permitiram tornar mais confortáveis as capelãs onde se guardam as espécies e onde se realiza a vida associativa e um sopro de vento saudável arejou a apresentação dos vários núcleos que agora foram, tanto quanto possível, dispostos de acordo com os ditames da moderna ciência museológica.

De novo e corajosamente se baniram mais umas quantas espécies que não havia interesse de expor e os objectos muito bem distribuídos pelos vários compartimentos, estão colocados de forma a obter, dentro de um edificio que está longe de possuir as mais elementares condições para museu, a sua máxima valorização.

As naves, preparadas e atapetadas de macia relva, e os objectos que vieram enobrecê-las, parecem bem diferentes no seu novo, limpo e desafogado arranjo.

Deve-se esta mudança radical ao Prof. Joaquim Fontes, cujo nome terá de ficar inscrito com letras de ouro nos fastos da Associação dos Arqueólogos, ao lado do daqueles que, dispendendo esforços tenazes, contribuíram para, nas várias épocas, actualizar o aspecto desta acolhedora Instituição.

E bem foi que assim sucedesse. O Museu do Carmo tem para mim inestimável valor. Considero-o parente muito próximo da Instituição que dirijo.

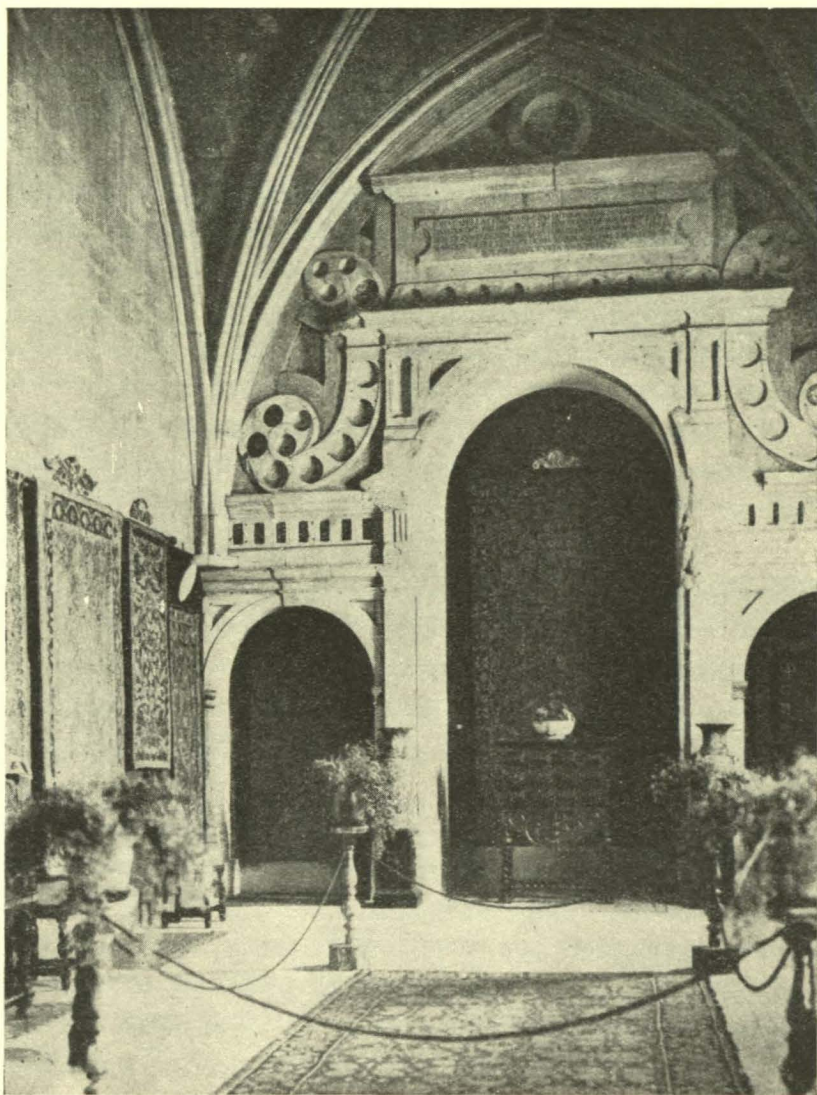


Fig. 4

*Museu da Associação dos Arqueólogos Portugueses  
Exposição de Tapetes de Arraiolos*

No decorrer dos tempos, às Janelas Verdes concorreram sobretudo as obras de pintura e de arte sumptuária. Enquanto alguns particulares organizavam opulentas colecções de esculturas, o Museu de Lisboa via-se quase privado deste importantíssimo ramo das artes plásticas, ali apenas representado por pequeno número de obras.

Para completar em Lisboa o estudo evolutivo da arte nacional, temos, neste particular, de nos socorrer do precioso núcleo desta casa. Nela se reuniu um conjunto considerável de peças tumulares, muito representativas por seu valor histórico-artístico. E como tantas vezes sucede, mais por obra do acaso do que pela vontade, embora esclarecida, dos homens, a arte de tempos vários aqui se exemplifica, desde a época romana até à medieval, renascentista e barroca.

Logo do século XIV se exibem peças de alto merecimento: os sarcófagos de D. Fernando, o de D. Fernão Sanches e aquele que foi denominado imprópriamente de D. Constança.

O século XV está representado pelo túmulo de D. Gonçalo de Sousa, que veio de Tomar, e o século XVI pelo de Rui de Meneses (1528), proveniente de Nossa Senhora da Oliveira, de Santarém. Outras ainda se vêem, quinhentistas e seiscentistas, e até mesmo do século XVIII, como são os restos da sepultura de D. Mariana de Áustria, da oficina de Machado de Castro.

Imagens de pedra e de madeira estofada, nacionais e estrangeiras, bem como os quatro preciosos baixos-relevos de alabastro de Nottingham patenteiam a arte dos escultores, não faltando no conjunto obras de grande vulto como a imagem de S. João Nepomuceno ou de grande curiosidade como o busto de D. Afonso Henriques.

Em que outro sítio da capital, também, podem os estudiosos e os alunos de cursos superiores aplicar-se na aprendizagem da Epigrafia senão nas acolhedoras naves do Carmo, onde mãos piedosas recolheram lápidas que são fastos de tantas famílias e de tantos acontecimentos relacionados com a vida da cidade e com a história do País?

Aqui se encontram, para illustração do público, antiguidades notabilíssimas e pouco vulgares, tais como as peças visigóticas, encontradas em Lisboa, as inscrições hebraicas, as antiqualhas árabes e tantos restos architectónicos provindos das edificações de Lisboa de antes do terramoto ou outros que se iam perdendo na voragem dos períodos incultos ou despreocupados.

Como fizemos notar no decorrer da nossa narrativa, muitos dos preceitos que orientam o profícuo aproveitamento didáctico dos museus, tal como eles se entendem em nossos dias, foram experimentados aqui.

Assim desde os primeiros tempos fizeram-se ouvir dentro destas paredes, ao lado das communicações dos sócios, lições destinadas a despertar o interesse do público pela História da Arte ou a dar-lhe noções acerca das espécies expostas no Museu.

Nunca se perdeu o ensejo de realizar exposições que atraíssem os visitantes às ruínas do Carmo, tendo tido algumas catálogos elucidativos. Tantas foram que é difícil enumerá-las.

Entre as que obtiveram mais successo contam-se:

- A olisiponense, em 1914;
- A dos tapetes de Arraiolos, em 1917;
- A de Heráldica, em 1925;
- A dos leques, em 1926;
- A exposição iconográfica de D. João VI, em 1929;
- A exposição bíblico-iconográfica Antoniana, em 1931;
- A exposição bíblico-iconográfica comemorativa do 5.º centenário da morte de D. Nuno Álvares Pereira, em 1932;
- A dos calígrafos, neste mesmo ano, etc., etc.

Vários artistas, como Alberto de Sousa, Leopoldo Baptistini, mais de uma vez procuraram esta casa para exporem seus trabalhos.

Sempre se manteve a aproximação do Museu com outros do País e

do Estrangeiro; e os Boletins, dando conta das actividades associativas, em especial do enriquecimento das colecções, aproximavam-no constantemente dos escolares e dos curiosos.

O Museu esforçou-se, na medida do possível e dentro dos seus sempre escassíssimos meios, em organizar fichas das obras que lhe pertenciam e alguns catálogos e guias foram publicados. Cito os catálogos gerais de 1876, de 1891, o Guia de 1949 e, de pormenor, o catálogo das moedas e medalhas.

Títulos de nobreza deste quilate dão à Instituição um renome que é necessário continuar a prestigiar.

Aprendendo a lição de tantos anos de esforços e canseiras, convém aproveitar o que de bom ela nos oferece e remediar os erros, que os houve e consideráveis.

Para tanto basta melhorar, como aliás se tem feito, a legislação que a regula.

Os primeiros estatutos da Associação, de Janeiro de 1864, nenhuma referência faziam ao Museu. No artigo 9.º prevê-se que uma das secções se ocupe de Estética, das decorações architectónicas e de apreciação das obras de arte.

Já nos estatutos de Setembro de 1879, que associam aos architectos os arqueólogos, se dá à Associação a finalidade de promover o progresso da architectura, o estudo e a conservação dos objectos arqueológicos, e a realização de escavações no solo português. No artigo 34.º diz-se que haverá dois conservadores que terão a seu cargo todas as antiguidades existentes no Museu, farão circunstanciada relação dos objectos adquiridos e confeccionarão o respectivo catálogo. Um deles deve incumbir-se do que diz respeito aos tempos pré-históricos, o outro às antiguidades nacionais e romanas.

Pelo regulamento de 1891 os conservadores podiam ter adjuntos.

Os estatutos de 1909 pela primeira vez dedicam um capítulo, o XIII, ao Museu, indicando qual a sua finalidade. Três sócios, efectivos ou hono-

rários, portugueses, residentes em Lisboa e eleitos trienalmente, devem olhar por ele, cabendo-lhes a designação de Conservadores. Mencionam-se as suas atribuições.

Os estatutos de 1918, no artigo 4.º, atribuem à Associação o dever de criar uma forte corrente de propaganda a favor da conservação e estudo dos monumentos e relíquias históricas e artísticas do País e por isso deverá expor ao público o monumental edifício da sua sede e o Museu nele instalado, cujas colecções procurará conservar e ampliar. Mantêm-se os três conservadores, cujas funções, vagamente definidas, são indicadas no capítulo XIII.

Não são muito diversas as disposições do regulamento interno de Fevereiro de 1925 (capítulo VIII).

Porém o regulamento de Junho de 1933 e bem assim os estatutos e o regulamento interno de 1944 indicam com maior precisão as finalidades do Museu e das pessoas que por ele têm de velar.

Marca um avanço considerável a doutrina do artigo 77.º que prevê a existência de *um ou mais conservadores*, conforme a urgência de arrumação e catalogação.

Tenho para mim que há muitas vantagens nesta concentração das funções e na redução do número das pessoas responsáveis pelo aspecto da colecção.

Não é fácil conciliar critérios quando a vários indivíduos, ainda que especialistas, compete, como determina o n.º 2.º do artigo 78.º, olhar pelo agrupamento das espécies conforme o melhor critério científico e educativo; mais difícil ainda é quando, principalmente, lhes compete decidir a respeito da sua arrumação estética. Das desinteligências dos conservadores, havidas em todos os tempos, julgo terem resultado graves prejuízos, delongas e incertezas na classificação e na apresentação das espécies.

A Museologia ensina-nos que os museus se não podem limitar a ser meros locais de exposição de objectos, e que existe o dever de tirar deles o máximo proveito para esclarecimento das pessoas curiosas e ensinamento

das ignaras. Os museus têm de ser explicados para que sejam amados. Incompreendidos, a sua missão resulta diminuída, incompleta.

Entre outras, duas grandes lições se podem extrair da história desta casa — a de conservação de um edificio notável por sua architectura e tradições e a do arranjo progressivo de um Museu que, embora modesto no tamanho, é notável pelo interesse das espécies que contém.

O Museu da Associação dos Arqueólogos, um dos mais antigos do País, situado no coração da cidade, privilegiado pela facilidade de acesso, tem ainda um papel muito importante a desempenhar.

A concorrência doutros museus limitará as suas ambições quanto ao aumento do seu recheio. Mas, num momento em que renasce a curiosidade pelos assuntos que cabem dentro do âmbito das suas actividades, o Museu, e com ele a Associação, devem voltar a ser aquele centro animado de irradiação cultural, que aliás já foi, e a que no seu *Carmo e a Trindade* Matos Sequeira se refere com o entusiasmo da sua grande devoção por esta casa.

Acréscimos, se possível, das colecções, exposições temporárias, visitas explicadas, séries de lições, palestras e conferências devem succeder-se em ritmo crescente e emparceirar com o trabalho mais calmo, mais recatado e mais exigente das sessões de estudo e de investigação.

Para pôr de pé este árduo programa, as minhas esperanças vão para os novos.

Compete-lhes, assimilando os estímulos legados pelos que antes deles lutaram, amparar este *Instituto* admirável dentro do qual paira a Figura Santa, arrebatada e inspiradora, do Condestável, e, utilizando-o como exemplo e como tribuna, transmitir aos homens de boa vontade as lições que têm forçosamente de aprender se não quiserem assistir, como daqui já se assistiu, ao amontoamento de outras ruínas, que talvez não possam vir a ser de novo amparadas.

## COLOCAÇÃO DAS ESTAMPAS

Figura 1 — <i>Norma anterior</i> . . . . .	16-17
Figura 2 — <i>Norma lateral</i> . . . . .	16-17
Figura 3 — <i>Norma superior</i> . . . . .	16-17
Figura 4 — <i>Norma posterior</i> . . . . .	16-17
Figura 5 — <i>Objecto de barro</i> . . . . .	24-25
Figura 7 . . . . .	80-81
Figura 8 . . . . .	80-81
Figura 9 . . . . .	80-81
Figura 10 . . . . .	80-81
Figura 1 — <i>Ruínas do Carmo. Aspecto antigo (1858)</i> . . . . .	84-85
Figura 2 — <i>Ruínas do Carmo. Aspecto actual</i> . . . . .	92-93
Figura 3 — <i>Museu da Associação dos Arqueólogos Portugueses. Aspecto antigo (1880)</i> . . . . .	96-97
Figura 4 — <i>Museu da Associação dos Arqueólogos Portugueses. Exposição de tapetes de Arraiolos</i> . . . . .	100-101

Este volume foi composto por  
João Pinto, L.<sup>da</sup> e acabou de  
se imprimir durante o mês de  
Julho de mil novecentos e cin-  
quenta e quatro, na Rua de Cam-  
polide, n.ºs 133-B e C, em Lisboa